

2

CADERNO DE METODOLOGIA . SABERES E FAZERES

Modos de Sentir



A COR DA
CULTURA

CADERNO DE METODOLOGIA . SABERES E FAZERES

Modos de Sentir







2

CADERNO DE METODOLOGIA . SABERES E FAZERES

Modos de Sentir



Secretaria Especial de
Políticas de Promoção da
Igualdade Racial



APOIO:
Ministério
da Educação

GOVERNO FEDERAL

MEC - Ministério da Educação

SEPPIR - Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

PETROBRAS

Presidente da Petrobras • JOSÉ SÉRGIO GABRIELLI DE AZEVEDO

Gerente-Executivo de Comunicação Institucional da Petrobras • WILSON SANTAROSA

CIDAN - Centro Brasileiro de Informação e Documentação do Artista Negro

Presidente de Honra • ZEZÉ MOTTA

Presidente • JACQUES D'ADESKY

Diretor • ANTÔNIO POMPÊO

Diretor • CARLOS ALBERTO MEDEIROS

Secretário • SÉRGIO ABREU

REDE GLOBO

Central Globo de Comunicação

Central Globo de Jornalismo

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO

Presidente • JOSÉ ROBERTO MARINHO

Secretário-Geral • HUGO BARRETO

Superintendente-Executivo • NELSON SAVIOLI

Gerente-Geral do Canal Futura • LUCIA ARAÚJO

Gerente de Mobilização • MARISA VASSIMON

Gerente de Desenvolvimento Institucional • MÔNICA DIAS PINTO

ISBN - 85-7484-356-3

A Cor da Cultura - **Saberes e Fazeres - Modos de Sentir**

Copyright © Fundação Roberto Marinho

Rio de Janeiro, 2006

Todos os direitos reservados

1ª Edição - 2006

CANAL FUTURA

Coordenação do Projeto • ANA PAULA BRANDÃO

Líder do Projeto • GUSTAVO BALDONI

Assistentes de Núcleo • MARIANA KAPPS E ALEXANDRE CALLADINNI

Coordenação de Conteúdo • DÉBORA GARCIA, LEONARDO MACHADO E LEONARDO MENEZES

Coordenação de Produção • VANESSA JARDIM, JOANA LEVY E JANAÍNA PAIXÃO

Equipe de Mobilização • FLAVIA MOLETTA E PAULO VICENTE CRUZ

EXPEDIENTE

Consultoria Pedagógica • AZOILDA LORETTO DA TRINDADE

Consultoria de Conteúdo • MÔNICA LIMA

Consultoria A Cor da Cultura • WÂNIA SANT'ANNA

Consultoria Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD/MEC • DENISE BOTELHO, EDILEUZA PENHA DE SOUZA, ANDRÉIA LISBOA DE SOUZA e ELIANE CAVALLEIRO

Texto Final • MÔNICA LIMA

Pesquisa de Imagens • DANIELA MARTINEZ

Edição dos Textos • LIANA FORTES

Revisão • SANDRA PAIVA

Projeto Gráfico • INVENTUM DESIGN

Ilustrações • EDNEI MARX

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

S119 v.2 Saberes e fazeres, v.2 : modos de sentir / coordenação do projeto Ana Paula Brandão. - Rio de Janeiro : Fundação Roberto Marinho, 2006 76p. : il. color. - (A cor da cultura) Inclui bibliografia ISBN 85-7484-356-3 1. Cultura - Estudo e ensino. 2. Multiculturalismo. 3. Educação multicultural - Brasil. 4. Negros - Educação - Brasil. I. Brandão, Ana Paula. II. Fundação Roberto Marinho. III. Título: Modos de sentir. IV. Série. 06-0652. CDD 306.607 CDU 316.7

22.02.06 24.02.06

013451

Fundação Roberto Marinho

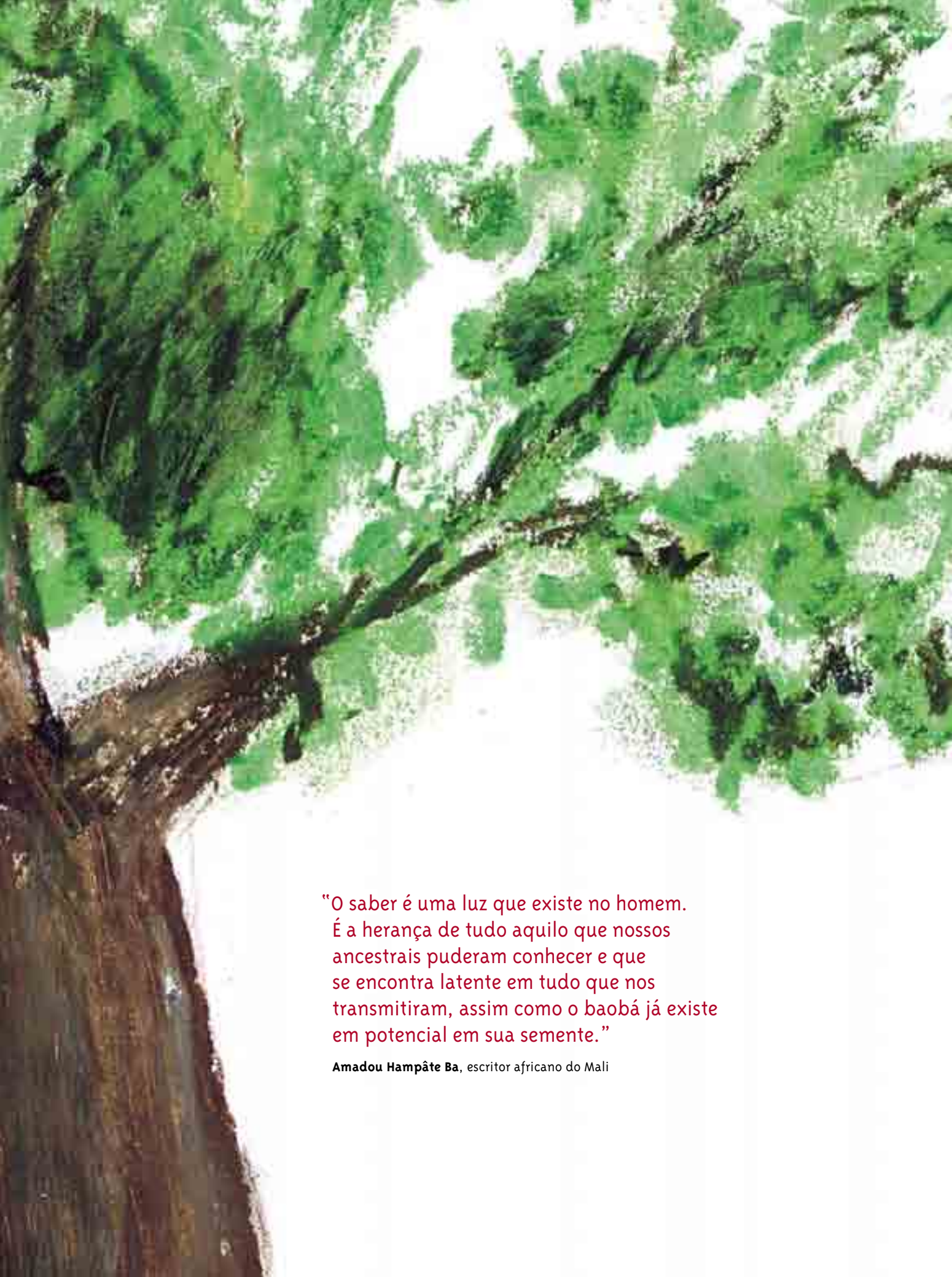
Rua Santa Alexandrina, 336 - Rio Comprido - 20.261-232 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Tel.: (21) 3232-8800 - Fax: (21) 3232-8031 - e-mail: frm@frm.org.br - www.frm.org.br

Sumário

Introdução: Conceitos e princípios que são a base do trabalho	11
Fundamentos para uma nova prática — por uma postura de (re)conhecimento	12
São questões de princípio	13
Atitudes que desejamos desenvolver e incentivar	15
Reconhecer nosso lugar na sociedade	16
Revisão de conceitos e alguns cuidados necessários	19
Conceitos — por uma compreensão da história do significado das palavras	20
Cuidados — por um olhar mais complexo e questionador	26
Como utilizar a metodologia	31
Planejamento do trabalho	32
Para acompanhar a metodologia	33
Os programas e os materiais do kit	39
Reflexões sobre diferentes tipos de atividades	55
Para saber mais	68





“O saber é uma luz que existe no homem.
É a herança de tudo aquilo que nossos
ancestrais puderam conhecer e que
se encontra latente em tudo que nos
transmitiram, assim como o baobá já existe
em potencial em sua semente.”

Amadou Hampâte Ba, escritor africano do Mali



Conceitos e princípios que são a base do trabalho

Axé, axé, axé pra todo mundo, axé
Muito axé, muito axé
Muito axé pra todo mundo, axé
- Eu, negro brasileiro
Desejo pra esse Brasil
De todas as raças
De todos os credos
Axé

Axé pra Todo Mundo, de **Martinho da Vila**

Esse é o primeiro e fundamental desejo que define e anuncia a nossa metodologia de trabalho: axé. Como muitos de nós sabemos, axé quer dizer energia positiva, força de vida, e é uma expressão que anuncia e pede o Bem. É usada tanto para saudar alguém como para se despedir e pretende transmitir as melhores vibrações. Incorporada a partir dos vocabulários de origem africana, mesmo sem constar dos dicionários brasileiros, hoje pode ser palavra nossa, em todos os sentidos.



Fundamentos para uma nova prática – por uma postura de (re)conhecimento

O projeto **A Cor da Cultura** visa implementar **ações culturais e educativas**, a partir dos programas que o integram, de forma a contribuir para a valorização e preservação das culturas afro-brasileiras e da presença africana na nossa História.

A metodologia de trabalho com os programas segue os passos já consagrados pela experiência e reflexão do Canal Futura neste tipo de atuação mobilizadora, mas dá destaque a alguns fundamentos que se relacionam especificamente ao projeto.

A **ação mobilizadora** dará corpo e forma às idéias e propósitos que estabeleceremos aqui. Planejá-la torna-se fundamental, portanto. Devemos pensar nos seus objetivos, nos seus princípios, que deverão orientar nosso trabalho, nos conceitos-chave com os quais queremos trabalhar e nas atitudes que pretendemos desenvolver durante a realização das ações mobilizadoras e a partir delas. Nossa metodologia deve ser nossa referência em face das questões: aonde queremos chegar? Que caminhos seguir?

Este trabalho almeja tornar visíveis o **patrimônio e a memória construídos pelos africanos e seus descendentes no Brasil**. Todos esses elementos estão presentes e vivos nos espaços e na essência do nosso povo, que compartilha os conteúdos culturais afro-brasileiros no dia-a-dia, nos seus saberes e fazeres. Entretanto, a maneira excludente como se organizou a sociedade brasileira levou a que esses temas fossem ignorados e colocados fora do âmbito escolar, além de serem desvalorizados pela cultura dominante na mídia. Trata-se, portanto, de resgatar uma História negada e de abrir amplas janelas para as muitas paisagens, ainda desconhecidas por muitos, que compõem o universo cultural brasileiro.

A abordagem dos programas, como poderá ser observado, não pretende uma neutralidade diante de temas tão controversos. O nome do projeto, **A**

Cor da Cultura, evidencia que a cultura que será focalizada, valorizada e homenageada tem cor, e que os gestos da metodologia que ora se apresenta têm uma intenção explícita. Os temas propostos revelam uma compreensão da situação em que vivemos e uma perspectiva de mudança: o preconceito contra negros existe no Brasil, traz sofrimento para a vida de muitas pessoas e sérios prejuízos à nossa vida em sociedade, mas ele pode e deve ser combatido. E a Educação, associada à mídia, é um poderoso meio nesse processo.

Entendemos tais fundamentos como a base a partir da qual todo o trabalho se construirá – são um conjunto de **princípios**, **conceitos** e **valores** articulados a **atitudes concretas**.

São questões de princípio

LUTAR PELA EQUIDADE, VALORIZANDO AS DIFERENÇAS

Estamos acostumados a lutar por sermos “todos iguais”, acreditando que esse seria o caminho para a felicidade geral. Nessa luta, não poucas vezes se desejou uniformizar os desejos e sonhos das pessoas, desconhecendo sua história pessoal e familiar e sua cultura. Hoje acreditamos que, muitas vezes, para alcançar as mesmas oportunidades e direitos, devemos tratar desigualmente os desiguais. Ser diferente não é apenas normal, pode ser muito bom, desde que essa diferença não signifique supremacia de um sobre o outro, e sim a humanamente enriquecedora **diversidade**.

RECONHECER O RACISMO, OPONDO-SE A ELE

Sabemos que nossa sociedade apresenta características que mostram a presença inequívoca do racismo. Não dá para negar, os dados de desigualdade são evidentes (ver textos do Caderno 1).

O mais comum é que vejamos o racismo no outro e não em nós mesmos, embutido no fundo de nossas almas, construído na nossa visão de mundo desde a mais tenra infância.

Pensamos ser importante ver esse racismo não como algo exterior, mas como um modelo de conduta, pensamento e organização da sociedade que envolve a todos, direta ou indiretamente, e é perceptível, sobretudo, no campo educacional. Na Educação, torna-se ainda mais perverso, pois atinge a formação dos indivíduos, e aí se reproduz e se reforça.

Quando criamos estratégias pedagógicas acreditando que ele não existe, o racismo cresce – oculto, disfarçado e envergonhado (às vezes), mas continua lá, presente. E fica mais forte porque não é desvendado, e subsiste nas relações pessoais, nas brincadeiras, e – mais do que tudo –, na ausência, no silêncio.

ESTABELECE O DIÁLOGO, OUVINDO OS QUE FORAM CALADOS

Acreditamos que as populações africanas e afro-descendentes são e foram submetidas a um longo processo de silenciamento. As referências à História e às culturas desses grupos eram quase inexistentes nos currículos escolares. Quando ocorriam, falava-se muito rapidamente sobre “os negros”, na qualidade de escravos e/ou marginais à sociedade.

Entendemos que, nesse processo de resgate, devem ter voz e vez os protagonistas de uma História que, para prejuízo de toda a sociedade brasileira, foi longamente ignorada e distorcida. Os programas da série *Heróis de Todo Mundo* contribuirão para fortalecer tal princípio.

AFIRMAR A ESPERANÇA, INVESTINDO NA MUDANÇA

Compartilhamos a idéia de que o fatalismo e a desesperança são contagiosos e nefastos para a transformação e, portanto, para a Educação que queremos desenvolver.

A indiferença frente às injustiças e a aceitação das desigualdades como algo natural são resultado direto do descrédito na possibilidade de mudança.

Pretendemos que se possa desenvolver uma atitude não alienada nem tampouco idealizada, mas de confiança nas possibilidades de superação e mudança, a partir da conscientização.

Atitudes que desejamos desenvolver e incentivar

Os princípios enunciados devem estar ancorados a atitudes que, acreditamos, devam igualmente nortear nosso trabalho, tais como:

- **Valorizar o múltiplo, o plural, a mistura de muitas diferenças** na sala de aula e fora dela, porque a vida fica completa e mais enriquecedora assim – ou seja, considerar distintos padrões como belezas possíveis, incorporar saberes de diferentes origens, respeitar crenças e costumes, não com a superioridade da aceitação, mas com a convicção de que nesse plano não existe, nem deve existir, um dono da verdade.
- **Caminhar para além do senso comum**, dando ouvidos ao que é dito, mas questionando sempre, buscando, junto aos demais, desvendar como tal ou qual pensamento ou discurso foi construído, de que maneira ele afeta a vida das pessoas, a que e a quem serve. Tudo isso para não deixar que certas falas, ditados, piadas ou afirmações sem base alguma se tornem falsas verdades – repetidas de tal maneira que acabam servindo de molde para um pensamento preconceituoso.
- **Exercitar a escuta** de vários possíveis interlocutores sobre esses temas – movimentos sociais, lideranças locais, integrantes de associações religiosas e culturais – numa atitude de real consideração, consciente de que trazem olhares e reflexões distintos dos nossos, que podem nos enriquecer e nos ajudar a ver outros ângulos da questão.
- **Aprofundar os próprios conhecimentos** e estimular que outros o façam, sobre a História, as culturas e os saberes de africanos e afro-descendentes que participaram da formação do nosso país, acreditando que esse processo levará a uma redescoberta de nós mesmos.



Programa Nota 10



Programa Nota 10

- **Permitir que os estudos nos transformem internamente**, ou seja, que as informações e as idéias surgidas e trazidas pelo projeto **A Cor da Cultura** se espalhem para além da esfera do saber acumulado – e eventualmente compartilhado – e se estendam para nossos comportamentos pessoais e compreensão de mundo. Deixar que esses conhecimentos entrem dentro de nós e nos afetem, profundamente.

Não devemos achar que sabemos. Devemos nos abrir para mudanças, para que aquilo que aprendemos possa redesenhar nossas atitudes e nossos movimentos de corpo, enfim, transformar as expressões de nosso entendimento mais profundo. E isso só pode se dar efetivamente se nos colocarmos em contato com outras pessoas, logo...

- **Socializar as informações**, sabendo que as mudanças de atitude somente se realizam nas relações entre nós e os outros, e que o conhecimento produzido somente se legitima na socialização. O processo é o de aprender compartilhando, porque o diálogo e o trabalho conjunto são os veículos, por excelência, da aprendizagem.

Esses são alguns dos princípios, valores e posturas norteadores de nosso trabalho, e estamos conscientes de que eles se refletem nos programas da série **A Cor da Cultura**. Lembramos ainda que, no caso específico de posturas racistas e de desvalorização da origem e da cultura de pessoas negras, elas se estruturam ao longo do tempo, de uma História que é nossa e de nosso país, sobre a qual não temos controle direto. Mas podemos mudar de rumo no presente e no futuro. Essa mudança transformará a nossa forma de olhar o passado.

Reconhecer nosso lugar na sociedade

As noções de inferioridade e superioridade – ou seja, sobre quem é superior e inferior e o que leva alguém a ser considerado assim – são aprendizados de nossa mais tenra infância que estendem sua orientação às nossas atitudes ao longo da vida. Sobre esse assunto, ver texto de Eliane Cavalleiro, no Caderno 1.

Aprendemos a temer e a nos fazer temer, a nos sentir menores ou mais poderosos, a impor nossas vontades ou acatar sem discussão as alheias, a nos ver como capazes ou incapazes em determinadas situações – todas essas aprendizagens ficam guardadas bem no fundo de nossas mentes e corações. Esses comportamentos e sentimentos estão relacionados a uma série de símbolos – visuais, táteis e sonoros – que tocam nossos sentimentos e sinalizam para nossas atitudes. Um exemplo simples: os reis de todos os tempos utilizavam roupas, adornos e equipamentos destinados apenas a eles – os escolhidos dos deuses. Sua vestimenta, seus cetros, seus mantos eram parte da representação de sua autoridade, assim como a crença de que eram seres especiais, dotados de algo mais, mais capazes, enfim.

Sem entrar em maiores discussões, pois esse tema é muito mais abrangente, mas ressaltando um só aspecto, vejamos: as atitudes de submissão e respeito não se orientam apenas pelo medo, mas por uma série de símbolos que representam as diferenças entre as pessoas. E são símbolos não somente visuais, mas ligados a algo em que acreditamos, ou seja, às explicações e aos indicadores de “superioridade” e “inferioridade” que aprendemos, desde pequeninos, a detectar. Hoje, um rei paramentado pode não nos dizer nada, mas outros símbolos, sim.

A valorização de determinados aspectos da chamada civilização ocidental, ou do que é moderno e atual, é resultado de uma leitura da nossa realidade de hoje, influenciada por nosso lugar no mundo. Essa leitura faz com que, muitas vezes, uma outra maneira de viver, de produzir ou de celebrar seja vista como atrasada ou “primitiva”. Educadamente, podemos até respeitá-la, mas não a vemos como de mesmo valor. Toda a atenção deve ser dada a essa questão.

O que propomos é que, ao assistirmos aos programas do **A Cor da Cultura** e nos depararmos com falas, práticas e credos distintos dos nossos, ou daqueles que desejamos ter, possamos ouvi-los, vê-los e senti-los profunda e respeitosa. E mesmo que não mudemos nosso modo de ser, saibamos que nossa leitura está sendo o tempo todo atravessada – ou, como dizem nos estudos de Educação, mediada – por um lugar no mundo que acreditamos ocupar. Abrir frente a nós essas diferentes histórias pode nos ajudar a rever esse lugar.



Revisão de conceitos e alguns cuidados necessários

Criar criar
Sobre a profanação da floresta
Sobre a fortaleza impudica do chicote
Criar sobre o perfume dos troncos serrados
Criar criar
Criar liberdade nas estradas escravas
Algemas de amor nos caminhos paganizados do amor
Sons festivos sobre o balanceio dos corpos em forcas simuladas
Criar (...)

Criar, de Agostinho Neto, poeta e líder político africano de Angola

E como nos abrir a essa fascinante possibilidade, e abri-la a outros – alunos, colegas, comunidade? Para começar, com uma postura de trabalho **participativa, cooperativa e solidária**. Que não apenas reconheça a necessidade de trabalho com o outro, mas que acredite que, com o outro, é sempre melhor que sozinho.

Um exemplo: quando se debate com diferentes pessoas sobre questões como religiosidade ou corporeidade no ambiente escolar, que são temas tão delicados, ouvir e perguntar, ampliar o efeito das perguntas e respostas pode iluminar as compreensões e atitudes de muitos. Desvendar alguns conceitos pode nos ajudar a rever nossos “pré-conceitos”.



Autor: Alexr Rippingille
Acervo: University of Virginia Library, EUA

Conceitos – por uma compreensão da história do significado das palavras

Os textos do Caderno 1 delinearão idéias e conceitos com os quais vamos trabalhar o tempo todo. O texto introdutório, em especial, apresenta um elenco de referenciais fundamentais ao nosso projeto. Ler atentamente essas contribuições de especialistas vai agregar ao trabalho muito maior consistência para o enfrentamento das questões teóricas e a criação de alternativas metodológicas.

Há algumas noções que, no entanto, gostaríamos de destacar, a título de exemplos. Acreditamos que tornar explícita a opção pelo seu uso e o entendimento que temos delas nos ajudará a caminhar com mais segurança. Lembramos que os conceitos são construídos e reconstruídos historicamente, e que são apropriados e transformados pelos grupos que os incorporam ao seu vocabulário e à sua vida. Logo, nenhum deles é imutável. E sempre há que se buscar sua história para entendê-los melhor. É nesse sentido que desenvolveremos uma breve discussão sobre três noções importantes para o projeto.

UM NOVO CONCEITO DE RAÇA



Um dos pontos polêmicos desse nosso arsenal de idéias é o conceito de **raça**. Ora, falamos de racismo, de desigualdade racial, enchemos de conteúdos raciais nosso discurso e nossa prática. Como, se a Ciência contemporânea desde há muito eliminou o conceito de raça de seu meio? Vale dizer que o conceito de raça banido pela Ciência, sobretudo e especialmente as ciências chamadas naturais, é um conceito de base biológica fundado na errônea idéia de diferenças naturais entre os tipos humanos, com base em

seu fenótipo. Essa idéia levou, inclusive, à construção de uma suposta hierarquia de raças, em que os brancos ocupavam o lugar mais alto e eram considerados dotados de mais razão e inteligência, entre outras qualidades.

Esse conceito de raça não cabe, de fato. Mas é importante conhecê-lo para insurgir-se contra ele, caso venha a aparecer, mesmo que disfarçado em novas roupagens. No entanto, podemos incorporar um outro entendimento de raça, auto-afirmativo e cultural, relacionado à experiência de indivíduos e comunidades negras no Brasil e no mundo. Uma noção que, se ainda escapa às atuais definições das Ciências Sociais, é compreensível e traduzida abertamente na construção das identidades de negros e negras na nossa sociedade. Estreitamente ligada à estratégia de elevação da auto-estima e criação de laços e mecanismos de identificação, essa noção de raça é reinventada na luta dos afro-descendentes, adquirindo um novo significado.

UMA PALAVRA, MUITOS SIGNIFICADOS

Outra definição a se problematizar é a de **crioulo**. Na linguagem popular, tantas vezes utilizada pejorativamente, hoje a palavra está sendo objeto de uma outra tradução. E, vale lembrar, de uma nova interpretação para a nossa linguagem coloquial: em outros lugares e em outros meios, crioulo tem e teve muitos outros significados.



Na História da América de colonização espanhola, crioulo – ou, como dizem em espanhol, *criollo* – é o descendente de espanhol nascido em nosso continente. Um branco ou mestiço nascido na América, filho de espanhóis. A sociedade crioula da América Espanhola seria, portanto, o resultado do contato e da interação entre colonizadores e nativos (incluindo os conflitos, as negociações, a mistura). Essa idéia de crioulo é retomada para se referir a sociedades, idiomas e práticas sociais surgidos em áreas da América de colonização inglesa e, sobretudo, francesa, da mistura entre as culturas européias e africanas no Novo Mundo. Portanto, temos as línguas crioulas do Caribe e das Guianas, a comida *créole* de Nova Orleans e outras partes do Sul dos Estados Unidos.

Autor: Booker T. Washington
Acervo: New York Public
Library, EUA

Na África, encontramos línguas crioulas em Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Nesses casos, as línguas crioulas são resultado da mistura de sociedades, nas quais o português convive, sem predominar, com línguas nativas africanas.

Em outros casos, como o de Angola entre os séculos XVII e XIX, deu-se o surgimento do fenômeno da criouldade – um grupo com lugar social e práticas culturais que mesclavam elementos das culturas portuguesa e locais. Isso aconteceu, sobretudo, na capital, Luanda, onde a presença estrangeira (sobretudo portuguesa) era maior, bem como as relações com o mundo atlântico.

A criouldade nasce desse contato, da mistura, vinculada ou não à miscigenação. Mas, na sociedade angolana dos séculos XIX e XX, reivindicar-se crioulo era dizer-se parte de um mundo africano que absorvera – ainda que em um lugar específico – a presença e a cultura portuguesas.

No Brasil, sua história é longa e repleta de mudanças: crioulo era o nome dado aos escravos nascidos aqui, filhos e netos de africanos, portanto afrodescendentes escravizados. Normalmente, na hierarquia do mundo dos escravos, os cativos crioulos eram considerados mais capacitados a lidar com a sociedade livre, por terem nascido na escravidão e terem vivido toda uma socialização, desde tenra idade, nesse lugar dito subalterno. Não poucas vezes, os crioulos do Brasil do século XIX reivindicaram essa condição, buscando diferenciar-se principalmente dos chamados “pretos novos” – como eram conhecidos os africanos escravizados recém-chegados. Quando eram identificados os nomes dos portos ou regiões de origem dos cativos africanos, como Congo, Mina e Nagô, o nome crioulo passava para os seus descendentes nascidos no Brasil.

Com o fim do tráfico de escravos, ocorreu o que se convencionou chamar de criouldade da população escrava no Brasil. Ou seja: pouco a pouco, entre os escravos, passou a haver cada vez mais indivíduos nascidos aqui. Na passagem para o século XX, abolida a escravidão, gradativamente o nome crioulo passou a designar indiscriminadamente os negros em geral, quase todos descendentes de cativos ou libertos, que em algum momento haviam vivido a escravidão.

O peso do preconceito existente na sociedade brasileira fez com que, ao longo do século XX, o termo crioulo passasse a designar uma forma pejorativa de dirigir-se ou fazer referência a uma pessoa negra. Hoje, grupos dos movimentos negros se apropriam dessa arma da discriminação e, com uso da ironia e da atitude de orgulho das origens, reverteram os nomes “crioulo” e “crioula” em benefício próprio. Isso não se dá sem dificuldades, pois o peso da palavra é grande e ainda são recentes as tentativas de alteração, mas elas já se percebem na linguagem da militância e das manifestações culturais. Resta saber como seguirá em seu caminho.

ESCRAVOS OU ESCRAVIZADOS?

Entre outras nomenclaturas geradoras de polêmicas, expressas em questionamentos de importantes intelectuais ligados à militância negra no Brasil, está a palavra **escravo**. Há quem afirme, e com argumentação coerente, que melhor seria dizer **escravizado**. Assim, teríamos de nos referir aos indivíduos feitos cativos como “africanos escravizados” e “afro-brasileiros escravizados”.

O argumento central dos que criticam a palavra escravo é que o termo carrega o peso da escravidão, que coisifica o indivíduo e tira dele sua identidade. No entanto, teríamos como contra-argumento as evidências da historiografia mais recente sobre a escravidão que mostram que, mesmo sendo nomeados e tratados como mercadoria, e listados como bens de propriedade de outros, os africanos e afro-descendentes nunca se transformaram em coisas e mercadorias. Essa noção de objeto possuído, expressa nos documentos oficiais, é negada na prática por todas as ações daqueles negros escravizados – enfim, tornados escravos – nas suas vidas. Suas atitudes cotidianas ou eventuais, os traçados de suas estratégias de resistência e sobrevivência, a busca pela constituição de laços de identidade e solidariedade e a negação por vezes violenta da situação em que se encontravam mostram que nunca deixaram de ser pessoas. Fizeram-lhes escravos, mas não lhes



Autor: Jean Baptiste Debret
Acervo: New York Public Library, EUA.



Autor: Jean Baptiste Debret
Acervo: New York Public
Library, EUA.

levaram a humanidade, nunca. Sendo assim, embora sem reabilitar a escravidão no Brasil, ou considerá-la menos violenta, mas percebendo-a transformada na sua concepção original pelas ações daqueles a quem pretendeu submeter, mantivemos o uso do conceito. Escravo aqui não se confunde com negro nem com africano, nem muito menos com afro-descendente ou afro-brasileiro.

É muito comum falar de escravidão referindo-se aos “negros” – e é um equívoco. Pri-

meiramente, **nem todos os escravos eram negros**. Houve (e muitos) escravos indígenas, ainda que em menor número que os africanos e seus descendentes. Mas foram numerosos e chamados, não poucas vezes, de “negros da terra”. **E tampouco todos os negros eram – ou foram todo o tempo – escravos**. Havia os **libertos** e os nascidos livres de pais libertos, no Brasil escravista. Portanto, escravo aqui se refere a um conceito que sinalizava um lugar social, fundamental na sociedade brasileira até meados do século XIX, mas que, nos embates, conflitos e negociações protagonizados pelos escravizados, esteve também ligado à negação permanente da transformação de pessoas em objetos. Eram escravos, porém sujeitos, criadores de cultura, com todas as limitações impostas pela violência da situação, mas com toda a força vital (o axé) que carregavam.

O TRÁFICO DE ESCRAVOS NO CONTEXTO DA ÉPOCA

No tema da história da escravidão africana também vale lembrar algumas idéias e alguns argumentos distorcidos, gerados a partir do conhecimento sobre os múltiplos agentes envolvidos nesse processo.

Na África, é certo que a captura e a escravização, – durante tanto tempo – de tantas pessoas, além da criação de condições para assegurar sua comercialização em seus locais de origem, foram obra fundamentalmente de africanos. Alguns deles enriqueceram, ganharam poder e prestígio com os bens que obtiveram no “infame comércio”. No entanto, a demanda cres-

cente por novos escravizados fez com que grande parte dos chefes e reis envolvidos no comércio de escravos se visse prisioneira da própria ganância e acabasse perdendo o respeito e o apoio dos seus, algo muito valorizado em suas sociedades. Chegavam a trair os mais próximos para atender à insaciável sede de mão-de-obra escrava. Acabavam por perder tudo. Os interesses inicialmente atendidos eram logo traduzidos em necessidade de subserviência e serviço.

Na parceria entre europeus e africanos para o tráfico de escravos não havia equanimidade. Inúmeros exemplos históricos mostram esse lado da questão. No início do contato, visando estabelecer o tráfico numa área, muitas vezes os europeus se submetiam às regras locais e cumpriam os cerimoniais. Mas, no desenvolvimento da negociação, e no que envolvia o preço e o volume demandado da chamada mercadoria humana, podiam ser irredutíveis em suas posturas e dispunham de justificativas para isso. Tinham armas mais poderosas, equipamentos de navegação e podiam buscar outros parceiros.

Havia uma ameaça sempre presente. Negociar era atender a interesses e a receios – fundados. Pensemos nisso, por um lado... e, por outro, não se trata de julgar culpados e inocentes no processo histórico, mas de reconhecer agentes sociais num contexto histórico dado – o que inclui as condições materiais de cada um deles. Finalmente, vamos “julgar” povos por ações de seus eventuais governantes, elites econômicas etc., que os espoliaram, estimulados por agentes externos? Pensemos bem. E mais, ao fim e ao cabo, que resultados houve? Quem, afinal, saiu realmente perdendo – em habitantes, em estabilidade política, em riquezas (saberes, forças produtivas, produtos, técnicas) e, principalmente, em auto-estima? A contabilidade, que inclui os dados sociais, demográficos, econômicos e políticos, é evidente.

Esses são apenas exemplos de questionamentos de conceitos e idéias-chave. Poderíamos listar outros, mas nunca daríamos conta de todas as discussões. Sinalizamos, no entanto, ser fundamental buscar os significados das palavras e expressões, não só no dicionário, mas nos seus contextos históricos, para entendê-las melhor.

Cuidados – por um olhar mais complexo e questionador



Desceliers, Pierre.
"World Map", 1546.

Estaremos lidando com uma matéria-prima fascinante e delicada: a cor da nossa cultura, a memória dos nossos ancestrais e suas heranças, tão longamente invisibilizadas. Todo cuidado será sempre pouco para não resvalarmos pelas trilhas aparentemente fáceis do maniqueísmo, da simplificação e da folclorização. Vamos pensar na prevenção desses perigosos males que podem enfraquecer nossa percepção e nos distanciar dos nossos objetivos. Alguns desses cuidados podem parecer óbvios, mas, muitas vezes, o aparentemente óbvio merece ser revisto e revisitado, para refletirmos sobre ele.

BRANCOS E NEGROS, SERES HUMANOS

Os africanos e seus descendentes nascidos da diáspora no Novo Mundo (as Américas, incluindo o Brasil) eram seres humanos dotados de personalidade, desejos, ímpetos, valores. Eram também seres contraditórios, dentro da sua humanidade. Tinham seus interesses, seu olhar sobre si mesmos e sobre os outros. Tinham sua experiência de vida – vinham muitas vezes de sociedades não-iguais da África, ou nasciam aqui em plena escravidão. Não há como uniformizar atitudes, condutas e posturas e idealizar um negro sempre ao lado da justiça e da solidariedade. O que podemos e devemos ressaltar são os exemplos desses valores de humanidade, presentes em muitos, e injustamente negados e tornados invisíveis pela sociedade dominante, durante tanto tempo. Mas sugerimos, veementemente, evitar dividir o mundo em “brancos maus” e “negros bons”, o que não nos ajuda a perceber o caráter complexo dos grupos humanos. Estamos, neste projeto, valorizando o positivo, mas sem idealizar.

UM RACISMO ENVERGONHADO

O nosso desconhecimento sobre a História e a cultura dos africanos e dos seus descendentes no Brasil e nas Américas pode fazer muitas vezes com

que optemos por utilizar esquemas simplificados de explicação para um fenômeno tão multifacetado quanto a construção do racismo entre nós.

O racismo é um fenômeno que influenciou e influencia as mentalidades, no modo de agir e de ver o mundo. As diferentes sociedades interagiram com ele de diversas maneiras – o Brasil não tem a mesma história de relações raciais que os Estados Unidos, para usar um exemplo clássico. No entanto, durante muito tempo se defendeu a ideia de que aqui não havia discriminação e, ainda, que o que separava as pessoas era “apenas” sua condição social.

Hoje, não só vemos pelos dados da demografia da pobreza brasileira que ela tem uma inequívoca marca de cor, como sabemos que um olhar mais atento à História e à vida dos afro-descendentes no país revela a nossa convivência permanente com o preconceito e seus efeitos perversos. Mas, para poder enxergar isso, tivemos que ouvir relatos, ver dados e entender como foi essa História. Só assim pudemos desnaturalizar as desigualdades e ver a face hostil do nosso “racismo envergonhado”. O que isso quer dizer? Que devemos nos dedicar ao tema: estudar, ler, nos informar, sempre e mais.

Os textos dos Cadernos são um passo inicial importante. Temos ainda as bibliografias indicadas. Sim, isso significa muito mais trabalho, mas vale – e valerá – a pena. Afinal, o que está em jogo é bem mais que a nossa competência profissional: é o nosso compromisso com um país mais justo e com um mundo melhor para todos e todas.

A SOFISTICAÇÃO DA CULTURA NEGRA BRASILEIRA

Estamos acostumados a ver as manifestações culturais de origem africana confinadas ao reduto do chamado “folclore”. Esse conceito de folclore que remete a tradições e práticas culturais populares não tem em si qualquer aspecto que o desqualifique, mas o olhar que foi estabelecido sobre o que chamamos de “manifestações folclóricas”, sim. E, sobretudo no mundo contemporâneo, em que a modernidade está repleta de significados positivos, o folclore e o popular se identificam não poucas vezes com o atraso – algo curioso, exótico, porém de menor valor. Logo, se não problematizarmos a inserção da cultura africana neste registro, correremos o risco de não criar identidade nem estimular o orgulho de a ela pertencer.

Podemos desmistificar a idéia de folclore presente no senso comum e também mostrar, com o auxílio luxuoso dos programas, o quão complexa e sofisticada é a nossa cultura negra brasileira. Envolve saberes, técnicas e toda uma organização mental para ser elaborada e se expressar. E, assim como nós, está em permanente mudança e não é nada óbvia.

Além desses três cuidados básicos de caráter geral, há outros sobre os quais devemos refletir e estar sempre atentos:

ÁFRICA, BERÇO DA HUMANIDADE

A África é um amplo continente, onde vivem, desde os princípios da humanidade (afinal, foi lá que a humanidade surgiu), grupos humanos diferentes, com línguas, costumes, tradições, crenças e maneiras de ser próprias, construídas ao longo de sua História. Dizer “o africano” ou “a africana” como uma idéia no singular é um equívoco. Podemos até utilizar esses termos quando tratarmos de processos históricos vividos por diversos nativos da África, mas sempre sabendo que não se trata de um todo homogêneo, e sim de uma idéia genérica que inclui alguns indivíduos, em situações muito específicas. Por exemplo: podemos dizer “o tráfico de escravos africanos” – referindo-nos à atividade econômica cuja mercadoria eram indivíduos nativos da África, conhecida nos seus anos de declínio como “o infame comércio”. Nesses casos, vale dizer, de um modo geral, africanos ou africanas. Mas devemos evitar atribuir a essas pessoas qualidades comuns, como se fossem tipos característicos.

Racismo

Conjunto de teorias e crenças que estabelecem uma hierarquia entre as raças e/ou etnias. Fonte: www.acordacultura.org.br

Preconceito racial

Conceito negativo prévio com relação a uma determinada raça. Fonte: www.acordacultura.org.br

Discriminação racial

Prática discriminadora fundamentada em princípios preconceituosos. Fonte: www.acordacultura.org.br

A DIFERENÇA PODE SER ENRIQUECEDORA

Todo cuidado é pouco também com termos como **racismo**, **preconceito** e **discriminação racial**. Para começar, uma boa providência seria uma consulta a um dicionário para ver o seu significado. E lembrar que os conceitos têm a sua história (item anterior). E mais: se racismo e preconceito carregam em si um conteúdo evidentemente negativo (ver definições), discriminar pode ser entendido como diferenciar ou distinguir atos que, quando não dirigidos por uma atitude racista, não são condenáveis em si. Mas, num contexto histórico e social determinado, discriminação pode transformar-

se em apartação, separação, como nas situações em que a diferença é tratada como algo que inviabiliza a convivência e não a enriquece. Esse tratamento é derivado da crença de que nós, humanos, somente somos capazes de conviver e criar entre os aparentemente iguais.

AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Um dos preconceitos mais comuns quanto aos africanos e aos afro-descendentes é com relação às suas práticas religiosas e a um suposto caráter maligno contido nelas. Esse tipo de afirmação não resiste ao confronto com nenhum dado mais consistente de pesquisa sobre as religiões africanas e a maioria das religiões afro-brasileiras. Nelas, todas as divindades são ambivalentes, não se simplificam na dicotomia bem x mal. **Exu**, por exemplo, como nos explica Muniz Sodré, “é o princípio dinâmico do sistema. É ele que transporta as mensagens e a fala. É ele que constitui a individualidade do sujeito, e a individualidade de todo mundo é ambivalente”. Muniz Sodré, *Mojubá* – Programa 1.

Como vimos, toda a atenção é necessária. O exercício permanente que fazemos de ouvir pessoas e valorizar saberes não nos deve eximir de estar atentos às armadilhas do senso comum. E, no mais, deixemo-nos encantar pelo **A Cor da Cultura**, porque, como bem sabemos, a aprendizagem se dá pela rota da sensibilidade, e nada melhor que a via do afeto para rever preconceitos. Essa é a perspectiva amorosa de trabalho que valorizamos, que inclui o respeito à diferença, que abre espaço à participação e que atua de forma cooperativa e solidária.



Abdias Nascimento
Padê de Exu
Acrílico sobre tela
100 x 150 cm
Rio de Janeiro, 1988

Exu

Primogênito da criação. Também conhecido como Elebara ou Lebara. Dizem que é capaz de provocar calamidades públicas, desentendimentos e brigas, quando não lhes são dedicados os ritos propiciatórios do Padê, ou quando provocado. Mensageiro dos orixás e portador de todas as oferendas. Guardião dos mercados, templos, casas e cidades. Ensinou aos homens a arte divinatória por meio dos búzios para melhor comunicar-se com eles. Seu dia é segunda-feira. Suas cores são vermelho e preto e sua saudação é Loroîê!

Barros, José Flavio Pessoa de.

Na Minha Casa: Preces aos Orixás e Ancestrais. RJ: Pallas, 2003: p. 115.



Como utilizar a metodologia



À volta da fogueira,
os mais velhos disseram
vão então caçar nuvens
que já fogem de nossos olhos

Nós pedimos um guia
armas, munições
e farnel para a longa jornada

Mas eles sorriram
terão de levar apenas
estes sons de tambores
na memória

Caçadores de Nuvens, do poeta angolano João Melo

Trabalhando com A Cor da Cultura

A metodologia ora apresentada é orientada para um fazer pedagógico que valorize o saber que cada um traz e que, a partir do contato com este material, estimule a reflexão e o diálogo.

As sugestões de atividades apresentadas neste material apontam para o professor uma estrutura de trabalho que permite



desenvolver os princípios básicos da Educação, com ênfase na pesquisa, no trabalho com diferentes linguagens e na leitura das imagens que nos cercam no cotidiano.

O processo de aprendizagem, sempre integrado a uma prática que nos instiga a refletir, a sentir e a agir, é garantido pela utilização dos diversos meios de comunicação e informação que fazem parte desse kit: programas de televisão, material impresso, CD musical e jogo pedagógico.

No Caderno 1 e no início deste caderno pudemos ver o **por que e para que** trabalhar com a questão da valorização e preservação da História e da cultura afro-brasileira.

A questão agora seria pensar em **como** utilizar esse rico material em nosso trabalho educativo, seja em sala de aula no dia-a-dia, ou numa determinada ocasião escolhida especialmente para tratar dos temas em destaque. Pode ser feito ainda num trabalho de mais longa duração, que pode ser um projeto de trabalho com uma turma, um grupo de colegas ou toda a instituição. Qualquer que seja a nossa opção, temos de pensar bem, antes, como fazer e organizar as etapas do trabalho, conforme nossos objetivos e possibilidades.

Vamos lá...

PLANEJAMENTO DO TRABALHO

A escolha do tema é o primeiro passo. Deve ser feita em função do que o professor e os alunos avaliaram como importante para o desenvolvimento do seu trabalho, atendendo aos interesses do grupo e de toda a equipe. Os programas podem servir como um ponto de partida na discussão das questões suscitadas pelo **A Cor da Cultura** na sala de aula e para levantamento dos temas que vão servir de base para o desenvolvimento de atividades, aulas ou projetos.

Para a utilização dos programas e dos demais materiais do kit **A Cor da Cultura** no dia-a-dia em sala, é fundamental a elaboração de um planejamento que integre a atividade ao desenvolvimento do projeto pedagógico como um todo. O trabalho com os programas, por exemplo, não deve pa-

recer um intervalo ou um apêndice, no decorrer do processo ensino-aprendizagem. Ele deve **dialogar com os conteúdos** e com o andamento das atividades pensadas para aquele grupo, **articular-se ao programa** e às **estratégias de avaliação**. Sugerimos que integre este trabalho ao seu plano de curso e de unidade.

- Etapas de planejamento:
 - Definir os objetivos
 - Conhecer o contexto em que o trabalho será realizado
 - Apropriar-se do material de trabalho (ex.: bibliografia, vídeos, textos de apoio etc.)
 - Definir a metodologia

PARA ACOMPANHAR A METODOLOGIA

O que se verá a seguir é uma dentre as inúmeras possibilidades de trabalhar essa questão. Nossas sugestões têm por objetivo incentivar o professor a buscar a interdisciplinaridade, através da realização de projetos e/ou atividades que integrem a comunidade à escola e valorizem as diversas linguagens no processo educativo.

A nossa metodologia tem alguns pontos de partida que se articulam com os passos a serem dados no uso dos meios:

- **O educando é sujeito da sua aprendizagem**, logo:
 - A experiência de vida e o que cada um já sabe é o ponto de partida do processo de aprendizagem.
 - Os novos conceitos, informações e experiências colocados ao alcance dos educandos promovem mudanças no conhecimento existente, contribuindo, a cada passo, para a construção de um novo conhecimento.
 - O educando é visto como um ser integral (razão e emoção).
 - A produtividade do educando cresce a partir do desenvolvimento de habilidades básicas.

- Acreditamos que, para um trabalho pedagógico com estes programas, **é fundamental a interdisciplinaridade.**
 - Valorizar o conteúdo específico de cada disciplina, pois cada uma delas tem um papel importante na sociedade atual.
 - Trabalhar as correlações, os pontos comuns e as diferenças entre as diversas disciplinas, contemplando uma proposta interdisciplinar.
 - Trabalhar a relação dos conteúdos disciplinares e a vida cotidiana do educando.

- Reconhecemos que as pessoas têm **ritmos diferentes de aprendizagem** e que devemos:
 - Respeitar o ritmo de cada um e do grupo e, ao mesmo tempo, procurar aproximar esse ritmo das exigências e necessidades do cotidiano.
 - Favorecer o espírito investigativo e cooperativo. Integrado ao grupo, o educando aceita os limites, não impostos, mas trabalhados de maneira individual e coletiva. Os erros são vistos como inerentes ao processo, o que permite avanços na aprendizagem.

Desse modo, a relação entre educador e educando fica mais próxima, porque o educador passa a ser:

- Coordenador de um grupo de estudo.
- Dinamizador do grupo.
- Criador de condições para que o educando desenvolva habilidades que facilitem a aprendizagem.
- Aquele que trabalha o “aprender a aprender”.
- Aquele que aprende em cada nova construção.

Educador e educando são sujeitos do ato de conhecer, um aprende com o outro e vice-versa.

Considerando esses aspectos, sugerimos alguns passos para o trabalho com o vídeo, nos quais esses princípios possam ser vividos em situações concretas, e conforme os fundamentos destacados na Parte I deste Caderno.

ATIVIDADE COM O AUDIOVISUAL

1. Problematização/Motivação

Nesse instante, pretende-se provocar no educando o interesse pelo tema, como também propiciar ao grupo conhecimento e/ou informações sobre o conteúdo que será trabalhado.

2. Exibição do programa (vídeo)

O educando assiste à fita de vídeo que introduz os conteúdos/conceitos referentes ao tema abordado. As cenas apresentadas no programa refletem situações do seu cotidiano e promovem reflexões sobre suas práticas de trabalho.



Programa Ação

3. Leitura de imagem e Contextualização

É o momento em que o educador leva o educando a estabelecer correlações entre os conteúdos do tema abordado, as imagens veiculadas e a realidade.

Nesse momento, o educador tem vários propósitos:

- Aguçar o olhar do educando para uma maior exploração e compreensão das imagens e dos sons.
- Estimular a formação de um telespectador crítico.
- Levar o educando a descrever, refletir e contextualizar as imagens mostradas.
- Estimular o pensamento, a fala e o exercício da cidadania.

A partir daí, o educando constrói conceitos e emite opiniões.

Alguns itens importantes:

O que viu? / O que ouviu? / O que concluiu? / Tempo histórico e cronológico / Espaço / Entendimento: identificação e compreensão de conceitos / Reflexão / Interdisciplinaridade / Atitudes de cidadania, entre outros.

4. Atividades complementares



As atividades são desenvolvidas em grupos. É o momento de aprofundar o tema e desenvolvê-lo através de atividades que utilizem materiais como dicionário, livros, jornais, revistas, textos, músicas, poesias, contos, histórias e técnicas como reciclagem e colagem.

Os educandos são solicitados a expressar seu entendimento de maneira individual ou em grupo, fazendo uso de diversas linguagens: cênica, escrita, plástica, musical...

Reflexão crítica e leitura em contexto devem ser enfatizadas.

Adiante, no quarto capítulo deste Caderno, apresentamos algumas sugestões de Atividades Complementares (Júri Simulado, Dramatização, Debate etc.)



Programa Nota 10

5. Socialização das aprendizagens

Fazendo uso de diversas linguagens, os grupos apresentam o seu entendimento sobre a temática trabalhada para ser complementada, enriquecida e ampliada por todos.

6. Avaliação

O trabalho é avaliado considerando os seguintes aspectos: relevância da temática, atividades vivenciadas, atuação do educador e desempenho do educando.

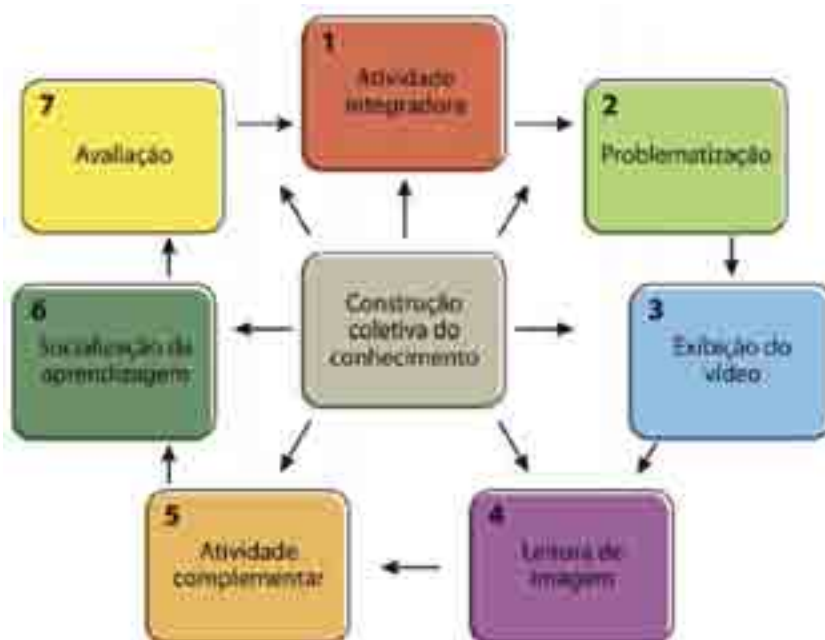
Cada um desses momentos se liga ao conteúdo geral apresentado nos Cadernos e a cada um deles em especial. No entanto, o cerne da metodologia, no trabalho com o vídeo, é justamente a leitura da imagem. Cabe ao educador, a partir da apropriação desse material a

ser trabalhado, e do seu próprio conhecimento de mundo, conduzir a leitura das imagens, de modo que o educando possa refletir sobre o material apresentado.

Entendemos que trabalhar com a imagem é trabalhar com uma atitude de reconhecimento e identificação, de onde poderemos iniciar uma reflexão sobre questões como a identidade e a representação visual. Não por acaso, o projeto **A Cor da Cultura** tem como foco principal a produção audiovisual. Queremos, por meio dessas ações, e com o material do kit, das oficinas, da implementação, transformar o nosso olhar sobre a sociedade brasileira. A intenção não é guiar esse olhar, mas apresentar novas possibilidades de olhar para nós mesmos, entendendo, reconhecendo e valorizando a participação da população afro-brasileira na formação da nação brasileira.

A partir de agora, neste Caderno, vamos conhecer o material do kit. Em seguida, exercitaremos nossa reflexão sobre as atividades e modos de socialização e avaliação das aprendizagens.

Abaixo, apresentamos um esquema que exemplifica a dinâmica do processo de utilização pedagógica dos meios.





Os programas e os materiais do kit

A aranha tece
Puxando o fio da teia
A ciência da abeia
Da aranha e a minha
Muita gente desconhece

Na **Asa do Vento**, do poeta e compositor João do Vale

Nossa metodologia está referenciada nos fundamentos teóricos que se encontram no *Saberes e Fazeres – Modos de Ver* (Caderno 1) e nos conceitos e orientações que desenvolvemos na primeira seção deste Caderno. A metodologia adotada tem por princípio fazer uso dos materiais do kit e de outros, além de trabalhar com o conhecimento prévio do educador e do educando. Portanto, devemos conhecê-los bem e assistir aos vídeos com toda a atenção e, de preferência, mais de uma vez, antes de qualquer planejamento de atividade com eles.

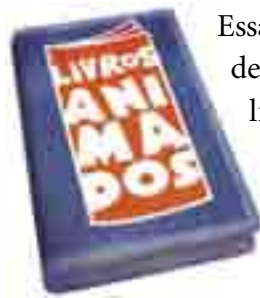
Apresentamos agora a descrição e os comentários desses programas, lembrando desde já que muitos outros aspectos poderão e deverão ser observados por cada uma das pessoas que assistirem a eles. Essa é uma riqueza a mais no material do **A Cor da Cultura**: as muitas possibilidades de leitura e percepção, dentro do espírito de celebração da diversidade que pretende valorizar.



Ilustradora: Graça Lima
Livro: Os Reizinhos do
Congo/Editora Paulinas

Os programas

LIVROS ANIMADOS



Essa série traz histórias e contos africanos e afro-brasileiros em obras de autores e ilustradores nacionais. A animação das ilustrações dos livros é acompanhada pela narrativa das histórias. Cada uma delas motiva diversas atividades, desenvolvidas com um grupo de crianças em início de escolarização, sob a liderança da apresentadora, que propõe as brincadeiras, participa delas e as coordena, e que também conta as histórias. Os cenários têm cores, motivos e texturas que lembram a estética africana, com panos, enfeites e objetos variados. A disposição dos participantes do programa numa roda, ou embaixo de uma árvore, também remete a práticas e usos daquelas terras. As atividades podem ser ponto de partida para boas idéias de trabalho, sobretudo com Educação Infantil e Ensino Fundamental. E os livros, simplesmente, encantam.



Programa Livros Animados

São programas que estimulam a leitura e fazem dela um momento especial na aprendizagem, com muita diversão. Ler fica sendo uma aventura. A leitura animada dos livros torna possível a introdução de elementos das culturas africanas e afro-brasileiras no imaginário infantil, abrindo à fantasia dos superjovens leitores personagens e situações referenciados na África e no mundo afro-brasileiro. A animação, por ser um tipo de linguagem visual familiar à maioria das crianças brasileiras, entra como um fator a mais na captação da atenção dos pequenos espectadores.

O efeito para a auto-estima das crianças negras pode ser especialmente bom e, para as demais, brancas ou quase brancas, que se vêem como tal, certamente permitirá a introdução, em seus mundos, de gentes de muito mais cores e de sonhos.

■ PROGRAMA 1

É verdade que menino não chora? No primeiro programa da série *Livros Animados* vocês vão conhecer a história do Nito, um menino que chorava bastante. As crianças que participam do programa e a apresentadora Vanessa Pascale vão falar sobre as diferenças entre meninos e meninas. Falando em menina... a outra história do programa é sobre um coelho bem branquinho, que faz de tudo para ficar pretinho, como a menina que ele acha linda, a Menina Bonita do Laço de Fita.

LIVROS: *O Menino Nito*, de Sônia Rosa. Ilustrações: Victor Tavares; *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado. Ilustrações de Claudius

■ PROGRAMA 2

No *Livros Animados* eu vi um leão. Eu vi um leão e uma girafa. Esse episódio se passa no zoológico. As crianças vão conhecer os animais que vieram da África, vão brincar de memória e de “leão fugiu”. Para incrementar a viagem, teremos *A Mosca Trapalhona*, *A Tartaruga e o Leopardo*, *A Moça e a Serpente* e *O Cassolo e as Abelhas* dos livros *Bichos da África*, de Rogério Andrade Barbosa.

LIVROS: *Bichos da África 1 e 2*, de Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações de Ciça Fittipaldi

■ PROGRAMA 3

Que lembranças temos da África? Com certeza, alegria é uma delas. Assim como o ritmo, a ginga, a capoeira, o maracatu, o jongo. Nesse episódio do *Livros Animados* vocês vão conhecer três livros da autora Sônia Rosa que mostram um pouco dessas heranças. E as crianças vão criar instrumentos, tocar, jogar capoeira... Também teremos a história *Os Reizinhos de Congo*, que vai inspirar a brincadeira de rei da festa.

LIVROS: *Capoeira, Maracatu e Jongo*, de Sônia Rosa. Ilustrações de Rosinha Campos; *Os Reizinhos de Congo*, de Edmilson de Almeida. Ilustrações: Graça Lima



Ilustradora: Graça Lima
Livro: *Como as Histórias se Espalham pelo Mundo*/
Editora Difusão Cultural
do Livro

■ PROGRAMA 4

Para falar sobre a África, que fica no além-mar, nesse programa, as crianças e Vanessa Pascale vão para a praia. A primeira história é uma lenda africana sobre a eterna briga entre gato e rato, e a segunda é sobre um ratinho que conhece variadas culturas e locais do continente africano.

LIVROS: *Contos Africanos*, de Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações: Maurício Veneza; *Como as Histórias se Espalham pelo Mundo*, de Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações: Graça Lima

■ PROGRAMA 5

O que significa a palavra orixá? Nesse programa, as crianças tentam adivinhar o que é um orixá e acabam conhecendo duas histórias de *Ifá, o Orixá Adivinho*. Os eventos se desenrolam num tempo em que os orixás viviam com os homens, em que não havia separação entre deuses e humanidade. Esse livro trata dos grandes temas presentes nas culturas africanas, tais como morte, vida e sentido da vida.

LIVROS: *Ifá, o Orixá Adivinho*, de Reginaldo Prandi. Ilustrações: Pedro Rafael; *Contos: Como Ifá Ganhou o Cargo de Adivinho e O Adivinho que Escapou da Morte*.

■ PROGRAMA 6

No programa são contadas duas histórias sobre o período da escravidão. O primeiro livro fala de uma menina escravizada que encontrou uma botija de ouro e gerou a cobiça de seu dono. No segundo livro, o pano de fundo é a amizade entre duas crianças de grupos sociais distintos. A cultura africana é vista como instrumento de construção de um povo, portanto, de libertação.

LIVROS: *A Botija de Ouro*, de Joel Rufino. Ilustrações: Zé Flávio; *O Presente de Ossanha*, de Joel Rufino. Ilustrações: Maurício Veneza

■ PROGRAMA 7

O tema do programa é a diferença. E para falar sobre essa questão vamos mostrar a história da Ana Beatriz e da Ana Carolina, gêmeas que, apesar de serem parecidas fisicamente, são bem diferentes. Também vamos ver a história dos meninos de Tatipurum, que moram em extremos opostos da Terra. Os dois livros falam sobre a questão da convivência entre os diferentes.

LIVROS: *Ana e Ana*, de Célia Godoy. Ilustrações: Fê; *A Pirilampéia e os Dois Meninos de Tatipurum*, de Joel Rufino. Ilustrações: Walter Ono

■ PROGRAMA 8

Se você pudesse guardar um tesouro para os netos, o que seria? As histórias desse programa falam sobre o passado. As crianças vão brincar de esconder presentes para o futuro e de transformar o velho em novo fazendo brinquedos de sucata. O primeiro livro apresentado fala de uma menina solitária que, ao ganhar uma galinha, faz amizades e, por meio delas, acaba recuperando a história de sua comunidade. O segundo livro também conta uma história semelhante, em que o moleque Léo, com a ajuda de um berimbau, recupera a trajetória de sua comunidade desde o tempo da escravidão.

LIVROS: *Bruna e a Galinha d'Angola*, de Gercilga de Almeida. Ilustrações: Valéria Saraiva; *Berimbau*, ilustrações e texto de Raquel Coelho



Ilustradora: Valéria Saraiva
Livro: *Bruna e a Galinha d'Angola*/ Editora Didática e Científica e Editora Pallas

■ PROGRAMA 9

Nesse episódio, Vanessa Pascale está na praia com as crianças. Ela explica aos pequenos que os navios que vinham da África utilizavam a força do vento. A história do programa é sobre uma mitologia africana de origem, que fala sobre um tempo remoto em que as forças da natureza e os homens viviam juntos. É a história do filho do vento, que tem um nome bem misterioso...

LIVROS: *O Filho do Vento*, de Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações: Graça Lima

■ PROGRAMA 10

O que é, o que é? Vamos brincar de adivinhar? Este episódio de *Livros Animados* está cheio de charadas! Você quer saber quem é Lili, a rainha das escolhas? A resposta está no livro de Elisa Lucinda, uma das histórias que vamos contar. As histórias dos livros, em forma de poesia, falam sobre medo e liberdade, importantes objetos de reflexão dos sentimentos humanos.

LIVROS: *O Menino Inesperado e Lili – A Rainha das Escolhas*, ambos de Elisa Lucinda. Ilustrações: Graça Lima

NOTA 10



A série *Nota 10*, que faz parte do projeto **A Cor da Cultura**, tem como objetivo principal a valorização da História e das culturas africanas e afro-brasileiras. Com cinco episódios, ela se propõe a inspirar educadores a colocar em prática a Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da História da África e do negro no Brasil, nas escolas de todo o país. Exemplos de experiências bem-sucedidas, em sua maior parte realizadas em condições muito simples, revelam que pode ser menos complicada e mais interessante do que se imagina a introdução desses temas no universo escolar.

Os projetos apresentados foram todos desenvolvidos em escolas da rede pública ou em organizações populares, como os pré-vestibulares comunitários para negros e carentes. O depoimento dos envolvidos e as cenas que mostram a realização das atividades podem não só comover, como motivar os educadores a encarar esse desafio.

Cada programa apresenta uma questão inicial que leva o espectador a refletir sobre assuntos relacionados às experiências apresentadas. Entrevistas nas ruas e pesquisas mostram os limites do senso comum e a presença de preconceitos e visões distorcidas entre os mais diversos habitantes de cidades brasileiras.

É interessante trabalhar com expressões conhecidas do cidadão comum, que podem criar uma identificação com os entrevistados e contribuir para

que desenvolvam um olhar crítico sobre si mesmos. No caso dos educadores, seria importante que pudessem perceber as armadilhas da nossa própria formação profissional, familiar e social. Como preparação para o trabalho com os programas, poderiam ser feitas as mesmas perguntas aos integrantes dos grupos de educadores e/ou alunos.

■ PROGRAMA 1 – ÁFRICA NO CURRÍCULO ESCOLAR

Para introduzir o tema “África”, o apresentador Alexandre Henderson pergunta nas ruas que substantivos qualificam a África. Os mais citados foram: pobreza, instabilidade política, atraso e doença.

Dois projetos mostram como se pode contar de forma diferente a História da África na escola. Um deles utiliza o desenho *Kiriku e a Feiticeira*, em que temos um herói muito especial. A outra experiência utiliza a expressão teatral e a discussão sobre temas polêmicos, como as cotas nas universidades.

Escola EMEF General Álvaro da Silva Braga, da cidade de São Paulo, e projeto *Educar para Igualdade Social*, de Aquidauana, Mato Grosso do Sul.

■ PROGRAMA 2 - MATERIAL DIDÁTICO

Temos fotos de duas famílias com a mesma roupa: uma negra e outra branca. O apresentador Alexandre Henderson pergunta aos pedestres qual das famílias mora em uma mansão e qual mora num barraco. Um dos passantes responde: “Esta, mais humilde (referindo-se à família negra), deve morar nesta casa (aponta o barraco).” Esse jogo foi feito para introduzir o questionamento sobre a representação dos negros nos materiais didáticos. Geralmente, eles aparecem como escravos – com funções inferiores – ou, pior, não aparecem.



O programa vai apresentar dois projetos bem-sucedidos nessa área: *Preconceito e Discriminação – Passado e Presente*, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. João Alves dos Santos, de Campinas, São Paulo, e *Contando a História do Samba*, da Escola Municipal Marlene Pereira, de Belo Horizonte, Minas Gerais.

■ PROGRAMA 3 - IGUALDADE DE TRATAMENTO E OPORTUNIDADES

Alexandre Henderson questiona, nesse episódio, qualificações que são exigidas na busca de emprego. Por trás do pedido de “boa aparência” pode estar evidenciada uma ação discriminatória.

Os projetos abordados que trabalham com a questão da igualdade de tratamento são: *Projeto Ibamo*, do C.E. Guadalajara, em Duque de Caxias, Rio de Janeiro, e *Projeto Raiz*, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Madre Maria Emília do Santíssimo, da cidade de São Paulo.

■ PROGRAMA 4 - CORPO



Será que podemos reconhecer, através de uma radiografia, se a pessoa é negra ou branca? Somos diferentes por dentro? Alexandre Henderson aborda essas questões para introduzir o tema do corpo na escola.

Dessa vez, os projetos abordados referem-se à educação infantil. Há confecções de bonecas negras, peças em que as crianças negras são princesas e príncipes etc.

Programa Nota 10

Escolas: Creche Comunitária Caiçaras, de Belo Horizonte, Minas Gerais, e Cemei – Margarida Maria Alvez, de Campinas, São Paulo.

■ PROGRAMA 5 – RELIGIOSIDADE E CULTURA

Uma das perguntas que introduzem o tema é: qual Estado brasileiro tem mais pessoas que se declaram adeptas de religiões afro-brasileiras, como o candomblé e a umbanda?

Salvador foi a resposta praticamente unânime. Mas a resposta correta é... Rio Grande do Sul.

O primeiro projeto apresentado nesse episódio se chama Educafro – *Educação e Cidadania de Afro-Descendentes*. São 256 cursos de pré-vestibular, em cinco Estados brasileiros, ministrados por voluntários em espaços cedidos, como centros espíritas e igrejas evangélicas. A segunda experiência mostra como é possível divulgar e valorizar a cultura afro-brasileira numa escola, de forma simples e criativa.

Escolas: Educafro – franquia social, na cidade de São Paulo, e Escola Municipal Anísio Teixeira, na cidade do Rio de Janeiro.

HERÓIS DE TODO MUNDO



São 30 documentários inéditos, apresentando aspectos da biografia de cidadãos e cidadãs brasileiras afro-descendentes, atuantes na nossa História nos campos da cultura, da ciência e da vida política. A trajetória desses heróis é apresentada por outros ilustres negros brasileiros, que reproduzem suas falas e, no final, dizem seu nome e área de atuação, qualificando-se, orgulhosamente, como “cidadão(cidadã) negro(a) brasileiro(a)”.

Esses documentários, além de nos informarem sobre a vida de tantos brasileiros que desconhecíamos, ou desconhecíamos como negros, atendendo a aspectos da Lei nº 10.639/2003, reforçam a condição de pessoa e cidadão do negro. Dessa maneira, abre-se espaço para **o reconhecimento** da efetiva contribuição de seus saberes, talentos e culturas na História do Brasil, bem como para **o respeito** às experiências e criações derivadas de suas subjetividades como afro-brasileiros, que foram e são relevantes para a construção da idéia de brasilidade – ou seja, da identidade brasileira.

O objetivo da série é, principalmente, resgatar os afro-descendentes que marcaram a criação do nosso país com uma postura afirmativa de valorização, para criar um impacto positivo no imaginário dos afro-brasileiros e dos brasileiros

em geral. O trabalho com esses programas, portanto, visa romper com a injustiça histórica de invisibilizar qualquer ensinamento que reconhecesse, respeitasse e qualificasse, moral e emocionalmente, o universo afro-brasileiro. Desse modo, busca romper as bases de um profundo recalque nos mecanismos de identidade e referências das pessoas dos grupos historicamente subordinados.

Veja a lista dos nossos Heróis:

Adhemar Ferreira da Silva (atleta)
Aleijadinho (artista plástico)
André Rebouças (engenheiro)
Antonieta de Barros (professora)
Auta de Souza (escritora)
Benjamin de Oliveira (ator/palhaço)
Carolina M. Jesus (escritora)
Chiquinha Gonzaga (compositora)
Cruz e Souza (escritor)
Elizeth Cardoso (cantora)
Jackson do Pandeiro (músico)
João Cândido (marinheiro/líder da Revolta da Chibata)
José Correia Leite (jornalista)
José do Patrocínio (abolicionista)
Francisco José do Nascimento (jangadeiro/líder abolicionista)
Juliano Moreira (médico)
Lélia Gonzalez (professora/militante política)
Leônidas da Silva (jogador de futebol)
Lima Barreto (escritor)
Luiz Gama (advogado)
Machado de Assis (escritor)
Mãe Aninha (ialorixá)
Mãe Menininha (ialorixá)
Mário de Andrade (escritor)
Milton Santos (geógrafo)
Paulo da Portela (sambista/um dos criadores das escolas de samba)
Pixinguinha (músico)
Teodoro Sampaio (urbanista)
Tia Ciata (personagem histórica do samba)
Zumbi (líder revolucionário)

MOJUBÁ



Mojubá é uma palavra em iorubá – língua falada por um povo que vive hoje em sua maioria no sudoeste da Nigéria, na África Ocidental – e um dos idiomas de origem de africanos escravizados e trazidos para o Brasil, sobretudo no século XIX. Hoje em dia, se usa como uma saudação, ou pedido de licença, na abertura das celebrações das religiões brasileiras de matriz africana. Quer dizer: “com meu humilde respeito”.

A série *Mojubá* é composta de sete documentários inéditos sobre religiosidade afro-brasileira, tendo como temas geradores: Fé, Organização, Natureza, Arte e Cultura (Representações), Língua e Literatura, Quilombos e Coletivismo. Neles, será dado destaque ao lugar que cada um desses temas, com seus subtemas derivados, tem nas práticas religiosas de matriz africana no Brasil. E isso será visto não apenas para os adeptos daquelas religiões, mas na vida das comunidades negras e populares brasileiras.

Pretende-se mostrar a presença histórica de aspectos doutrinários e de práticas de culto na cultura brasileira de um modo geral, evidenciando-se sua penetração em nossas mentalidades e em nosso comportamento social. Entre seus objetivos principais está o de combater o preconceito, destacando não só o conteúdo ético e de valores humanitários dessas religiões, mas demonstrando que suas bases vivem dentro de nós e à nossa volta.

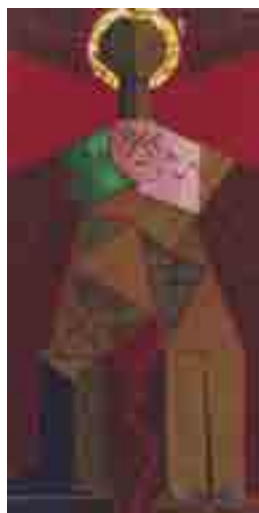
A temática, em si, é delicadíssima e tem especial importância no Brasil, onde as religiões afro-brasileiras se vêem cercadas de olhares distorcidos e acusações preconceituosas. A proposta é trilhar os caminhos da sensibilidade para apresentar as heranças que nos legaram os antepassados africanos no campo dos comportamentos e das mentalidades.

A proposta, nos documentários *Mojubá*, é valorizar esse legado no que ele traz como mensagem de fé, solidariedade, respeito à natureza e resistência ao preconceito e à opressão. Portanto, sugerimos que os trabalhos com os programas destaquem esses elementos, que trazem como eixo, juntamente com o princípio de liberdade e o direito humano à opção religiosa, mui-

to mais do que tolerância. Eles devem estimular o respeito às diferentes expressões de fé, bem como o seu reconhecimento como expressão de culturas que fazem parte da nossa História e do nosso país.

■ PROGRAMA 1 – ORIGENS

Olorum, Senhor do Infinito, criou o universo. Para povoá-lo, criou seres imateriais, conhecidos como orixás. O primeiro episódio da série *Mojubá* apresenta as diferenças entre as tradições religiosas de origem africana, a luta de seus seguidores contra a perseguição e a conquista da livre expressão religiosa. São apresentadas também as relações e influências européias e indígenas nos cultos afro-brasileiros. Ayê, como é chamado o mundo na língua iorubá, pode ser o lugar do encontro e da celebração das diferenças. *Mojubá*: apresentamos com nosso humilde respeito, como diriam nossos ancestrais.



Abdias Nascimento
Xangô n. 2
Acrílico sobre tela
51 x 102 cm
Buffalo, EUA, 1978

■ PROGRAMA 2 – FÉ

A fé na força desses deuses foi trazida por nossos ancestrais africanos e é preservada por aqueles que continuam a segui-la. O programa *Fé*, segundo episódio da série *Mojubá*, nos mostra que conhecer a origem dessa crença e seus diversos matizes é conhecer parte de nossa história. A fé revelada como instrumento de resistência, componente da história e de identidade cultural. A tradição manifestada pela força de deuses. A religiosidade mostrada como espaço da diversidade, em que a cor da cultura pode ter muitos tons.

■ PROGRAMA 3 – MEIO AMBIENTE E SAÚDE

“Sem folha não existe orixá; sem orixá não existe folha.” A natureza apresenta-se como veículo de manifestação divina, portanto é importante respeitá-la. A conexão com os deuses, a cura para os males físicos e espirituais podem estar no verde das matas, no colorido das flores e nos sabores que a natureza nos dá. O programa *Meio Ambiente e Saúde*, da série *Mojubá*,

apresenta as relações das religiões de matriz africana com a natureza, traço em comum com as culturas indígenas, incorporadas pelos cultos afro-brasileiros. O sagrado pode estar no mundo material que nos cerca.

■ PROGRAMA 4 – INFLUÊNCIAS

Os quitutes do tabuleiro da baiana, os sons e cores dos blocos de afoxé, os movimentos das danças populares, os traços e formas da arte, os detalhes de nossas vestimentas provam o quão próximos estamos do enorme continente chamado África. No programa *Influências*, quarto episódio da série *Mojubá*, vemos como nosso cotidiano foi enriquecido pela tradição religiosa africana e percebemos que a distância que separa continentes não afasta culturas.

■ PROGRAMA 5 – LITERATURA E ORALIDADE

Cada orixá tem sua história, rica em sentimentos. Amor, ciúmes, vaidade são alguns dos ingredientes que compõem as narrativas da tradição oral africana. As relações humanas também estão repletas desses sentimentos. A partir deles, muitas obras-primas da literatura foram e continuam a ser escritas. Construimos uma literatura enriquecida por palavras de origem africana e por um olhar negro sobre o mundo. Luiz Gama, Machado de Assis, Lima Barreto, Cruz e Souza, Solano Trindade são alguns dos expoentes das letras que provam essa influência. No programa *Língua e Literatura*, da série *Mojubá*, vemos que, se nossa pátria é nossa língua, por meio dela somos um pouco africanos.

■ PROGRAMA 6 – QUILOMBOS

Ogum é um deus guerreiro, protetor de todos aqueles que sofrem discriminações, perseguições e injustiças. O deus da guerra é inspirador de coragem e de luta pela dignidade. E foi manifestando o que há de divino no homem que muitos negros construíram a história de resistência e do sonho de liberdade que sustentou quilombos e foi base de muitas rebeliões. Ganga Zumba, Zumbi e Preto Cosme são alguns nomes que escreveram essa história, presente ainda hoje na memória e também na atual resistência de re-

manescentes quilombolas. Saiba um pouco mais no programa *Quilombos*, da série *Mojubá*.



Autor: Heitor dos Prazeres
Obra: Terreiro

■ PROGRAMA 7 – COMUNIDADES E FESTAS

Os deuses dançam e celebram a vida. Assim também fazem os que neles acreditam. As festas em grupo, o som do tambor, os movimentos da dança podem ser instrumento de oração e reverência às forças espirituais. O divino se manifesta na comunhão da alegria e na vida festejada na companhia do próximo. Os cultos afro-brasileiros, são o tema do programa *Comunidades e Festas*, o sétimo da série *Mojubá*, que mostra também como a celebração é História.

OUTROS PRODUTOS DO KIT

■ CD GONGUÊ



CD musical, acompanhado de um encarte explicativo, apresentando a origem dos instrumentos, ritmos e batidas musicais que tiveram origem e influência africanas e que hoje estão presentes em nossa musicalidade e cultura. A partir desse CD, poderão ser realizados trabalhos nas mais diferentes áreas do conhecimento. Os sons e ritmos **tocam o coração, emocionam o corpo e abrem o espírito** às novas idéias e experiências.

Ao incentivar a “audição” das músicas com atenção ao que está sendo tocado, cantado e falado, o professor pode exemplificar o conteúdo de diversas unidades do livro relacionadas aos programas. Pode chamar a atenção para o ritmo, pode trabalhar a identificação dos diferentes instrumentos, assim como atentar para o timbre, altura e intensidade.

Uma outra forma de trabalhar com as músicas do CD é analisando sua his-

tória e procurando entendê-las em profundidade. O próprio título do CD, *Gonguê*, que é o nome de um instrumento musical parecido com o agogô, pode servir para trabalhar diversos conteúdos.

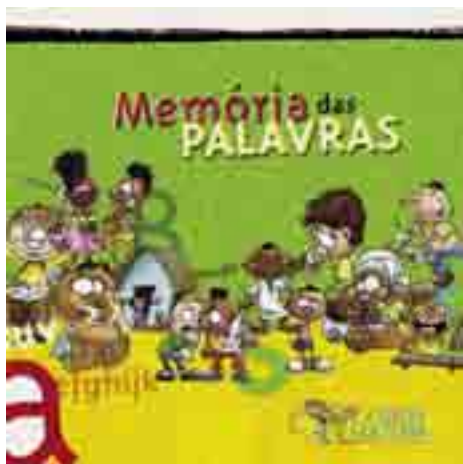
No Caderno 3 apresentamos possibilidades de uso da música, em especial do CD *Gonguê*.

■ JOGO PEDAGÓGICO HERÓIS DE TODO MUNDO

Jogo educativo, elaborado a partir da temática afro-brasileira, tem como ponto de partida a história dos 30 *Heróis de Todo Mundo*. Divididos em seis grandes áreas de conhecimento (Esporte, Ciência e Tecnologia, História, Religião, Artes e Literatura), o jogo *Heróis de Todo Mundo* trabalha diferentes conteúdos, numa perspectiva transdisciplinar. Sabemos que **brincar é um dos caminhos mais eficazes para aprender**, porque libera nossas mentes ao dar gosto ao saber, com os temperos da alegria e da leveza. O jogo pode ser um material muito especial no trabalho com as temáticas dos programas.



■ MEMÓRIA DAS PALAVRAS



Livro ilustrado que traz verbetes de palavras de origem africana (batuque, cocada, moleque, capoeira etc.), usadas atualmente em nosso vocabulário. Lembremos que as **palavras têm ritmos, sonoridades e energia própria**. E tudo isso se relaciona não apenas à nossa maneira de falar como de ver o mundo. Esse material torna visível a **africanidade na nossa vida cotidiana**, na nossa cultura. Co-

mo dizem na África: **a palavra é memória viva**. E, como nos conta um provérbio da Guiné-Bissau, **a orelha vai à escola todos os dias**.



Reflexões sobre diferentes tipos de atividades

(...) Eu queria ver à volta de mim,
(...) uma legião de cabecinhas pequenas,
à roda de mim,
num vôo magistral em torno do mundo
desenhando na areia
a senda de todos os destinos
pintando na grande tela da vida
uma história bela

Aqui, na Areia, de Alda do Espírito Santo, poetisa africana de São Tomé

Ao assistirmos aos programas, podemos imaginar muitas maneiras de aprofundar os temas que eles nos trazem e de torná-los mais próximos das nossas vidas. E, a partir deles, estimular a criação de novos espaços, para pensarmos e agirmos de uma maneira diferente.

Os programas não apresentam problemas resolvidos, e sim possibilidades. As ações e as experiências que mostram servem para nos inspirar. As novas informações e idéias sobre os assuntos podem se tornar materiais para uma reflexão, que se ampliará na medida em que criarmos canais de comunicação para compartilhá-la com outras pessoas – alunos, comunidades, colegas.



Sendo assim, apresentamos alguns exemplos de **atividades complementares** que poderiam ser utilizadas no trabalho com os programas, sempre lembrando que, como em qualquer orientação metodológica, o segredo está em **adaptar**, e não simplesmente em adotar um caminho. Ou melhor, digamos no plural: caminhos. Ou seja, há diferentes rotas para diferentes situações. Se estivermos com um grupo de educadores, nossas possibilidades serão de um tipo e, se forem alunos de Educação Infantil, de outro; no Ensino Fundamental ou na Educação de Jovens e Adultos, serão de outros tipos diferentes, ainda. O importante é termos em mente aonde queremos chegar. Os caminhos, como diz o poeta, se fazem ao andar.

Mas, para percorrer esses caminhos, haverá sempre uma bagagem que deve ser preparada, com a presença de certos equipamentos indispensáveis, tais como:

- Estudo

Deverá ocorrer um momento de preparação em que se busque ter uma melhor condição de entender ou aprofundar o assunto. Os textos do *Saberes e Fazeres – Caderno 1* poderão ajudar muito a pensar a orientação desse estudo, além da bibliografia que indicamos.

- Diálogo

A troca é entendida como o meio fundamental para tornar as idéias mais consistentes e mais abrangentes e, portanto, capazes de tocar as pessoas e de produzir outras idéias e atitudes.

- Apresentação

Um momento ou um espaço em que se possa dar uma dimensão mais ampla ao que foi trabalhado e, ao mesmo tempo, avaliar coletivamente o processo e os resultados.

Como já assinalamos na Seção I deste Caderno, a trilha da sensibilidade e do afeto é sempre a rota mais eficaz para que alguém, seja criança, jovem ou adulto, se torne disponível para a aprendizagem. Algumas das atividades propostas no Caderno 3 poderão funcionar como meios para tocar a sensibilidade e abrir as portas da mente e do espírito para novas idéias e novas atitudes.

Sabemos que muitos de nós, pela primeira vez, estamos lidando com programas sobre essa temática e que precisamos e devemos nos sentir preparados para lidar com ela. E, mesmo que assim não seja, a caminhada ficará mais segura se a compartilharmos. **Portanto, sugerimos que os professores e educadores se organizem e formem grupos de estudo, rodas de leitura e se preparem conjuntamente.** E que, quando possível, reivindicuem dos sistemas de ensino e autoridades locais o cumprimento da Lei nº 10.639 e da resolução do CNE, dela derivada, oferecendo cursos de capacitação específicos aos docentes. Isso é fundamental para todos os demais, para o bom aproveitamento dos programas e do material do kit.

Vamos pensar sobre alguns caminhos nas salas de aula e dar alguns exemplos concretos para percebermos como o método e a prática andam juntos...

■ Debate

A turma de alunos ou grupo de participantes se prepara um tempo antes para discutir coletivamente um tema ou questão-problema apresentada por algum colega ou pelo próprio professor. Na ocasião do debate, o professor/orientador da aprendizagem atua como organizador da discussão, procurando garantir o espaço para as diferentes opiniões.

O debate serve como estímulo para a discussão de temas sobre os quais há controvérsias, e ajuda os estudantes a aprender e a construir argumentos para sustentar suas opiniões. Serve, também, como exercício para se compreender a opinião do outro.

A diferença de um debate para uma mesa-redonda é que não há um grupo como protagonista da discussão: toda a turma pode e deve falar (um por vez, é claro), quando o desejar. Um tema que pode ser estimulante para um debate é a situação das comunidades quilombolas no Brasil, a sua luta pela terra, garantida pela Constituição, e ainda assim questionada por alguns proprietários de terras e autoridades locais. Consultar a nossa Lei Maior deve fazer parte da preparação, e o programa *Mojubá* sobre comunidades quilombolas pode ser uma boa partida para um belo debate.

■ Dramatização

O professor pode dividir a turma em grupos e determinar com antecedência o tipo de apresentação dramatizada que deverão fazer. Nas dramatizações, os alunos podem criar situações ou atuar em situações propostas pelo professor/orientador de aprendizagem.

Essa estratégia didática contribui muito para que os alunos aprendam a se colocar no lugar do outro e a exercitar a compreensão de um mundo muitas vezes distante do seu próprio mundo no tempo e no espaço. Por exemplo: após a atenta observação do programa *Ifá, o Adivinho* (e/ou outros da trilogia de Reginaldo Prandi), da série *Livros Animados*, os estudantes poderão dramatizar uma outra lenda brasileira que conheçam e que envolva situações de esperteza, sabedoria e valores éticos – caso não conheçam nenhuma poderão inventar, desde que, em sua criação, contemplem elementos presentes nas histórias dos orixás contadas por Prandi. Nesse caso, além de trabalhar a produção literária e o jogo dramático em si, também se pode desenvolver o estímulo a uma postura de respeito à religião dos orixás. O assunto deve ser tratado com muita delicadeza e firmeza ao mesmo tempo – nenhuma concessão aos preconceitos com relação às religiões de matriz africana deve ser feita, nem de brincadeira.

Os jogos dramáticos abrem inúmeras possibilidades e em geral agradam aos alunos. Como esse tipo de trabalho deve ser feito em



grupo, os mais tímidos poderão encarregar-se de redigir o texto ou montar o cenário, desde que todos participem da discussão sobre o programa e da montagem da cena. Não se aconselha a forçar ninguém a se expor, mas a participação de todos pode, e deve, ser estimulada. Poderá ajudar muito o(a) educador(a) na preparação desse tipo de atividade a leitura dos textos *Fragmentos de um discurso sobre a afetividade e Relações raciais no cotidiano escolar: implicações para a subjetividade e a afetividade*, ambos no Caderno 1.

■ Júri Simulado

A turma poderá ser dividida em três grupos: a equipe de acusação, a equipe de defesa e o corpo de jurados. Um dos temas suscitados pelo(s) programa(s) se constituirá no objeto da discussão, e haverá a apresentação e defesa de pontos de vista contrários. Poderão ser apresentadas testemunhas de acusação e de defesa. Os participantes também poderão produzir e apresentar provas para o júri.

Um tema bom para esse tipo de atividade pode ser o conjunto de ações violentas efetuadas pelos escravos contra seus senhores ou contra outros escravos aliados dos senhores, vistas pela sociedade da época. Ou seja, a rebeldia escrava manifestando-se pela violência direta.

Os alunos deverão fazer um exercício para tentar imaginar como pensavam e agiam as pessoas daquele tempo, que consideravam a posse de escravos um direito natural e, ao mesmo tempo, colocar-se na pele dos defensores dos cativos, que condenavam a violência do sistema escravista. O corpo de jurados também deverá apresentar argumentos e se posicionar.

O fundamental não é o veredicto, mas a argumentação. Nesse trabalho, podem ser lembradas a força das palavras e a beleza que pode conter um discurso argumentativo, elementos de uma oralidade tão valorizada em terras africanas, como bem assinala a introdução do *Saberes e Fazeres* do Caderno 1. Mas atenção: todo o cuidado será sempre pouco quando lidarmos com temas dessa natureza, pois eles remetem à nossa vida hoje, ao mundo violento em que vivemos.

Nunca se deve abrir mão do destaque a ser dado a certos “princípios de humanidade”, como o direito à vida, à liberdade, à propriedade sobre seu corpo e mente – e todos esses direitos inalienáveis são contraditórios à justificativa da escravidão. É, no entanto, importante entender como funcionava a mentalidade de uma sociedade em que esses direitos não valiam para todos. E, a partir daí, pensar a violência social sob o ponto de vista histórico, para melhor problematizá-la.

■ Mesa-redonda

Previamente selecionados pelos grupos formados pela turma, três ou quatro participantes ficam frente a todos, sentados em torno de uma mesa e, um de cada vez, apresentam seus pontos de vista sobre um determinado assunto, anteriormente discutido com seus grupos. O professor pode atuar como moderador do debate controlando o tempo das falas e, após a apresentação de cada um dos integrantes da mesa, abrir para perguntas e comentários da turma.

Esse é um tipo de atividade que pode ser feito com temas polêmicos, assim como o debate. Sua realização ajuda a exercitar a escuta do outro e a argumentação. O trabalho em grupo contribui para o exercício de troca de idéias e de cooperação, enquanto a escolha dos integrantes da mesa fortalece a idéia de representação – essencial para a democracia, numa sociedade complexa como a nossa.

É importante que os integrantes da mesa se preparem bem antes. Uma sugestão seria utilizar o programa *Nota 10* sobre as experiências dos pré-vestibulares para negros e discutir sobre a importância desses cursos e da política de cotas para afro-descendentes nas universidades. Os dados sobre educação do texto *Desigualdade nas questões racial e social*, no Caderno 1, podem contribuir para a preparação da Mesa. Conforme a situação (se é um grupo de educadores ou de alunos) e o segmento de ensino dos participantes (Ensino Fundamental, Médio e/ou Universitário), a questão poderá ter diferentes abordagens.

- Montagem de jornal

Para essa atividade, o professor divide a turma em grupos ou, se preferir, trabalha com todos os alunos. A tarefa solicitada pode ser a montagem de um jornal trazendo notícias de realizações de africanos e afro-descendentes no passado, no presente ou no futuro.



Tendo como base um programa ou mais, os grupos, sob a orientação do professor/educador, e mediante consulta ao material disponível, fariam as reportagens e matérias do momento histórico escolhido. No caso do tempo futuro, um interessante desafio seria o de apresentar as notícias que gostariam de ler um dia. O nome do jornal pode ser escolhido por votação. As histórias dos *Heróis de Todo Mundo* e temas de qualquer *Nota 10* podem virar ponto de partida e/ou manchetes e reportagens desse jornal. Ilustrações e charges entram como elementos para enriquecer e complementar a produção.

A atividade, além do trabalho com o tema, propicia aos alunos um bom exercício de redação. Ela pode ser rápida ou realizada em etapas, de acordo com as possibilidades e adequação. A discussão sobre que aspectos noticiar, e como dar destaque a temas como esses, pode ser muito enriquecedora e contribuirá para a reflexão sobre relações raciais e mídia.

- Organização de eventos culturais

O professor/orientador de aprendizagem pode propor esse tipo de atividade no início do ano letivo, do semestre ou do bimestre, conforme o nível de organização de que necessite. Concursos, festivais, feiras e festas temáticas são eventos mobilizadores que permitem atrair a participação das comunidades escolar e local para assuntos ligados aos diferentes temas, assim como articular um trabalho com outras disciplinas curriculares.

As **exposições** e **apresentações** são outro tipo de evento que estimula os alunos e podem ter como ponto de partida o trabalho com documentos. Nesse caso, uma **exposição de fotografias** pode ser o começo de uma série de atividades para montagem de um painel da presença negra no local ou região.

Podem ser enfocados aspectos históricos, culturais (festas, danças), de patrimônio arquitetônico e personalidades locais. Uma tarefa como essa envolve pesquisa, contato com pessoas e instituições e visita a sítios históricos da localidade. Pode ser solicitado apoio ao comércio e a empresas locais para a realização do evento ou atividade, para que resulte, por exemplo, na divulgação do trabalho dos alunos e no fortalecimento da integração da comunidade com a escola. A atividade cria documentos históricos, e esse caráter deve ser destacado.

Também pode ser proposto um **sarau de música e poesia** a partir dos programas. Por exemplo, o documentário da série *Moju-bá* poderia servir de inspiração. O tema geral poderia ser as manifestações culturais afro-brasileiras (ritmos, estilos musicais).

Outra possibilidade seria escolher um ou mais Heróis de Todo Mundo e transformá-los em tema para sarau. Há muitas possibilidades. O importante é valorizar todos os resultados obtidos, evitando tanto as frustrações quanto o estímulo a uma competitividade excessiva. O texto introdutório ao Caderno 1 pode contribuir para pensar esse tipo de atividade.

As **feiras** ou **semanas culturais** são outro caminho que pode dar resultados de ampla dimensão, envolvendo a comunidade e, numa instituição, diferentes áreas do conhecimento. Podem ser agendadas para épocas específicas do ano letivo, combinando ou não com datas festivas da História afro-brasileira nacional, regional ou local.

As informações dos *Marcos da História africana e afro-brasileira* podem ajudar a pensar temáticas, assim como o texto *Beleza e identidade: sobre os patrimônios afro-descendentes* traz idéias sobre exposições

de artesanato e gastronomia negra que enriquecerão as cores e sabores de qualquer feira. Esses textos inspiradores estão no Caderno 1.

Um evento dessa natureza pode abrigar espaço para reflexões mais aprofundadas – palestras, conferências, oficinas de trabalho –, bem como para apresentações de manifestações culturais de grupos da comunidade preparadas para esse fim. A exibição de quase todos os programas do projeto **A Cor da Cultura** caberia numa atividade ampla como essa, mas valeria uma seleção de acordo com o tema escolhido. Por exemplo, mobilizando as oficinas temáticas. Ou na fundamentação de grupos de dança e música, trazendo uma reflexão sobre o corpo, os ritmos e os símbolos visuais que fazem parte de um universo cultural afro-descendente. Esse trabalho pode partir, entre outros programas, do *Nota 10* sobre corpo, e do texto *Sujeito, corpo e memória*, do Caderno 1.

■ Pesquisa

Esse é um tipo de atividade que tem um valor realmente especial, mas devemos tomar cuidado com sua utilização. Em primeiro lugar, ao solicitar uma pesquisa sobre determinado assunto, o professor/orientador de aprendizagem deverá estar seguro de que há fontes disponíveis para todos os alunos/integrantes do grupo realizarem a tarefa. E, em segundo lugar, de que eles têm realmente claro o que buscar, ou seja, uma solicitação desse tipo como atividade didática deve ser precedida por um levantamento de fontes e a elaboração de um roteiro com os passos a seguir e o objetivo da investigação.

Não basta dizer o tema da pesquisa, pois um tema pode ter inúmeras abordagens. E uma pesquisa tem sempre um fim: subsidiar a produção de um texto ou a preparação de um trabalho, pois conhecimento é para ser socializado. Há necessidade de um tempo prévio, para planejar, executar e organizar a apresentação dos resultados.

Uma das possibilidades que tal método abre é a realização de uma **pesquisa de opinião**, ou seja, um levantamento sobre como determinado assunto é visto por algumas pessoas. Para esse tipo de trabalho, os alunos/participantes deverão elaborar um questionário

e sair a campo apresentando perguntas ao público escolhido para responder à sondagem. Um possível tema nesse tipo de pesquisa seria a existência ou não de racismo no Brasil. Os programas *Nota 10* sobre material didático e sobre igualdade de tratamento e oportunidades e diversos episódios de *Heróis de Todo Mundo*, acompanhados da leitura e discussão do texto *Desigualdade nas questões racial e social*, no Caderno 1, podem ser parte da preparação.

Deve-se ter muito cuidado com a elaboração do questionário e a preparação das entrevistas. Como sabemos, o modo de perguntar pode distorcer a opinião, e numa pesquisa é essencial ser fiel ao que diz o entrevistado. E o mais importante: o que fazer com as informações? Um quadro, um gráfico, um debate. Uma pesquisa, como já observamos, deve ter desdobramentos, não nos basta constatar.

Também pode ser uma **pesquisa sobre histórias familiares**, preparando uma exposição que reúna fontes que contem sobre a vida de famílias afro-descendentes na localidade ou na comunidade escolar. Histórias de gente comum, cheias de significado, para pensarmos a história da nossa comunidade e do nosso país. O *Mojubá* sobre Coletivismo poderia trazer muita inspiração para um trabalho como esse, e textos como *Fragmentos de um discurso sobre a afetividade e Relações raciais no cotidiano escolar: implicações para a subjetividade e a afetividade* podem contribuir para deslanchar e dar consistência à elaboração desse tipo de projeto de trabalho.

■ Produção de texto literário

Individualmente ou em grupo, os alunos/participantes poderão ser chamados a escrever um texto de caráter literário, em forma de poema ou prosa, sobre um dos assuntos de que tratam os programas. Tal tipo de atividade, além de desenvolver a expressão escrita e o vocabulário, estimula a criatividade e a imaginação. Uma sugestão seria realizar um trabalho desse tipo tendo como base os programas e textos sobre a História da África. O *Nota 10* a esse respeito e os textos *Aprendendo e ensinando relações raciais no Brasil* e *Como os tan-tãs na floresta* seriam parte dos fundamentos. Os *Marcos da Histó-*

ria africana e afro-brasileira poderiam fornecer uma série de temas derivados, capazes de inspirar e dar exemplos que destaquem a importância da História da África para o Brasil e para a humanidade.

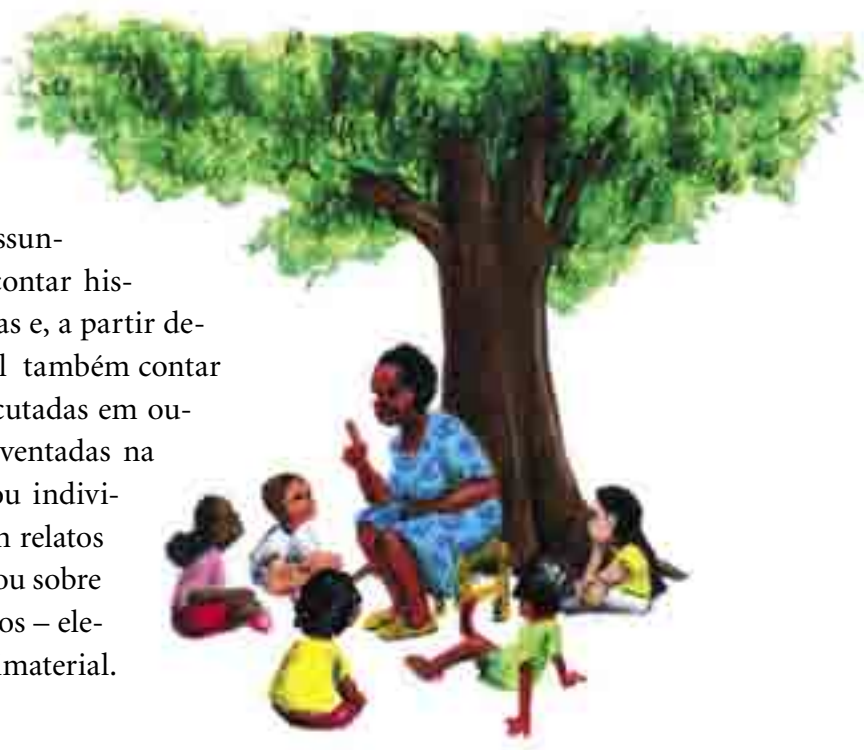
- **Representação gráfica**

Nesse tipo de atividade pode-se solicitar aos alunos que, individualmente ou em grupo, produzam um desenho, colagem ou qualquer outro tipo de representação gráfica (mural de fotos, por exemplo) para apresentar seu entendimento sobre o documento.

Essa produção pode vir complementando, explicando, analisando ou mesmo discutindo a visão que o programa apresenta sobre um ou mais temas. Trabalhamos o tempo todo com texto e imagem. A leitura de imagem é uma tarefa diária e a documentação iconográfica constitui um tipo fundamental de fonte. Portanto, produzir um documento visual a partir de outro pode se tornar um exercício prático, visível e concreto sobre as representações do mundo africano e afro-brasileiro trazidas pelos programas.

- **Roda de “contação” de histórias**

Tipo de atividade que cria uma situação de aprendizagem e encanta, favorecendo a sensibilização para os temas e estimulando uma abertura afetiva frente aos assuntos. Numa roda, podem-se contar histórias lidas em livros, recriá-las e, a partir delas, inventar outras. É possível também contar histórias que tenham sido escutadas em outros lugares ou que sejam inventadas na hora – por criação coletiva ou individual. Podem ser histórias com relatos de encantamento ou fábulas, ou sobre as vidas de nossos antepassados – elementos de nosso patrimônio imaterial.



Histórias como as dos *Livros Animados*, mas não só – também as lendas afro-brasileiras e “causos” contados pelos mais velhos.

Numa roda, pode-se reproduzir uma situação muito comum em aldeias africanas e em casas de certas famílias no interior do Brasil até algum tempo atrás: a prática de ouvir e contar histórias. Essa atividade congrega, diverte e pode ser feita com crianças bem pequenas, com adolescentes, com jovens, com adultos e, certamente, com idosos.

■ Visitas

Uma visita pode trazer um encontro com o nosso patrimônio e possibilitar o contato visual e pessoal com a História. Sabemos que o trabalho institucional e de sala de aula se complementa e se amplia quando se abre mais ao “mundo lá fora”. Há muitos tipos de visitas, tais como:

- **Sítios históricos locais** – Conhecer sítios históricos que se tornaram cenários da História afro-brasileira aproxima ainda mais os alunos/participantes do grupo dos temas. Vale sempre uma pesquisa ou preparação prévia que ajude os participantes a olhar com “olhos de ver”, a ter uma abertura mental para perceber toda a riqueza dos locais.
- **Instituições, órgãos de preservação e divulgação de cultura** – Nas visitas, previamente agendadas, é interessante conhecer, não apenas o acervo, mas o trabalho dessas organizações – que podem ser ONGs, museus, casas de cultura, bibliotecas. Há, em muitos lugares, alguns desses órgãos especialmente dedicados à presença das culturas afro-brasileiras, muitas vezes pouco conhecidos.

Todas essas idéias têm como objetivo mostrar como a nossa metodologia pode traduzir-se em trabalhos que aprofundem, ampliem e divulguem os assuntos levantados pelos programas e pelos demais produtos do kit pedagógico, sempre levando em consideração as experiências anteriores, o material já produzido e as especificidades locais.

Essa metodologia pode ser aplicada a grupos de alunos do ensino regular ou na educação de jovens e adultos. Pode ser utilizada no ensino universitário ou no trabalho com educadores. E muitas, muitas outras possibilidades deverão surgir como parte do trabalho, da experiência e da criatividade de todos que se aventurarem pelo **A Cor da Cultura**.

Essas idéias iniciais estão aqui para serem ampliadas, modificadas e, principalmente, adaptadas às múltiplas realidades. Não há receitas, mas trilhas abertas que podem ser desdobradas e refeitas sempre. Só não podemos esquecer que estaremos lidando com temas e grupos de pessoas deixadas durante séculos de História na invisibilidade. Portanto, ponhamos luz, foco, ênfase e destaque neles – e nelas. Só assim poderemos enxergar a nós mesmos, e o Brasil, de uma forma muito melhor.

Para saber mais

Sugestões bibliográficas para os educadores:

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O Trato dos Viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ASHOKA EMPREENDEDORES SOCIAIS & TAKANO CIDADANIA. **Racismos Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Ed., 2003.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda Negra, Medo Branco. O Negro no Imaginário das Elites, Século XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BÂ, Amadou Hampate. **Amkouell, o Menino Fula**. São Paulo: Palas Athena/Casa das Áfricas, 2003.

BOAHEN, A. Adu (coord.). **História Geral da África. A África sob Dominação Colonial, 1880-1835**. São Paulo: Ática/Unesco, 1991.

BELUCCI, Beluce. **Introdução à História da África e da Cultura Afro-Brasileira**. Rio de Janeiro: Ceaa-Ucam/CCBB, 2003.

BIRMINGHAM, David. **A África Central até 1830**. Luanda: Edipu/UEE, 1981.

CANEN, Ana. “**Relações raciais e currículo. Reflexões a partir do multiculturalismo**”, in Cadernos Pedagógicos Penesb nº3. Niterói: Editora da UFF, 2001, p.65-77.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Made in África**. São Paulo: Global, 2001.

FLORENTINO, Manolo Garcia. **Em Costas Negras. Uma História do Tráfico Atlântico de Escravos entre a África e o Rio de Janeiro (Séculos XVIII e XIX)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

FLORENTINO, Manolo Garcia. **Tráfico, Cativo e Liberdade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Diálogos Oceânicos. Minas Gerais e as Novas Abordagens para uma História do Império Português**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro. Modernidade e Dupla Consciência**. Rio de Janeiro: Ucam/Editora 34, 2001.

GOMES, Flávio dos Santos. **Histórias de Quilombolas**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995. (Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa, 1993)

GOMES, Flávio dos Santos. **Experiências Atlânticas. Ensaio e Pesquisas sobre a Escravidão e a Pós-emancipação no Brasil**. Passo Fundo: UPF, 2003.

GRINBERG, Keila. **O Fiador dos Brasileiros. Cidadania, Escravidão e Direito Civil - Tempo de Antonio Pereira Rebouças**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GURAN, Milton. **Agudás. Os Brasileiros do Benin**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na Sala de Aula. Visita à História Contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

ILIFFE, John. **Os Africanos: História de um Continente**. Lisboa: Terramar, 1999.

JACINTO, Antonio. **Sobreviver em Tarrafal de S. Tiago**. Luanda: União de Escritores Angolanos, 1989. (poesia)

KARASH, Mary. **A vida dos Escravos no Rio de Janeiro, 1808-1850**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

KI-ZERBO, J. (coord). **História Geral da África I – Metodologia e Pré-História da África**. São Paulo: Ática/Unesco, 1982.

LIMA, Ivana Stolze. **Cores, Marcas e Falas. Sentidos da Mestiçagem no Império do Brasil**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003. (Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa, 2001)

LIMA, Mônica. **“A África na sala de aula”**, in Nossa História nº 4. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004, pp.84-87.

LOVEJOY, Paul. **A Escravidão na África. Uma História de Suas Transformações**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MACHADO, Maria Helena. **O Plano e o Pânico. Os Movimentos Sociais na Década da Abolição**. Rio de Janeiro/São Paulo: EDUF RJ/Edusp, 1994.

MATTOSO, Katia de Queiros. **Ser Escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MATTOS, Hebe. **O ensino de História e a luta contra a discriminação racial no**

Brasil, in ABREU, Martha e SOHIET, Rachel. *Ensino de História. Conceitos, Temáticas e Metodologia*. Rio de Janeiro: Faperj/Casa da Palavra, 2003, pp.127-136.

MATTOS, Hebe. **Das Cores do Silêncio. Os Significados da Liberdade no Sudeste Escravista. Brasil Século XIX**. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1995. (1º lugar no Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa, 1993)

MORAES, José Geraldo Vinci de. **Cidade e Cultura Urbana na Primeira República**. São Paulo: Atual, 1994. (paradidático)

MUNANGA, Kabengele. **Construção da identidade negra no contexto da globalização**. Cadernos Penesb, n 4. Niterói: Editora da UFF, 2002, pp.61-83.

MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: MEC-Secad, 2005.

NIANE, D.T.(coord). **História Geral da África IV – A África do Século XII ao Século XVI**. São Paulo: Ática/Unesco, 1988.

OLINTO, Antonio. **A Casa da Água**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 5ª ed. 2ª imp. (romance)

OLINTO, Antonio. **Os Brasileiros na África**. Rio de Janeiro: GRD, 1964.

OLIVER, Roland. **A Experiência Africana. Da Pré-História aos Dias Atuais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

PAIVA, Eduardo França. **Escravos e Libertos nas Minas Gerais do Século XVIII**. São Paulo: Annablume, 1995.

PANTOJA, Selma. **Nzinga Mbandi: Mulher, Guerra e Escravidão**. Brasília: The-saurus, 2000.

PANTOJA, Selma (org). **Entre Áfricas e Brasil**. Brasília: Paralelo 15, 2001.

PINTO, Milton José. **Comunicação e Discurso**. São Paulo: Hackers, 1999.

PRIORE, Mary del e VENÂNCIO, Renato (orgs). **Ancestrais: uma Introdução à História da África Atlântica**. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

REIS, João José. **Rebelião Escrava no Brasil. A História do Levante dos Malês**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003. (reedição ampliada)

REIS, João José. **A Morte É uma Festa. Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do Século XIX**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

REIS, João José & GOMES, Flávio dos Santos (orgs). **Liberdade por um Fio. História dos Quilombos no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

RIOS, Ana Lugão e MATTOS, Hebe. **Memórias do Cativo. Família, Trabalho e Cidadania no Pós-Abolição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

RODRIGUES, Jaime. **De Costa a Costa. Escravos, Marinheiros e Intermediários do Tráfico Negro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)**. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

SALIH, Tayeb. **Tempo de Migrar para o Norte**. São Paulo: Planeta, 2004. (romance)

SALLES, Ricardo e SOARES, Mariza. **Episódios de História Afro-Brasileira**. Rio de Janeiro: DPA/Fase, 2005.

SCHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim: O Cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro na Belle Époque**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SCHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade. Uma História das Últimas Décadas da Escravidão na Corte**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Retrato em Branco e Negro. Jornais, Escravos e Cidadãos em São Paulo no Final do Século XIX**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

SCHWARCZ, Lília Moritz & QUEIROZ, Renato da Silva. **Raça e Diversidade**. São Paulo: Edusp, 1996.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas**. Brasília: MEC-Secad, 2005.

SCHWARTZ, Stuart. **Segredos Internos. Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

SECAD (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade) - Ministério da Educação. **Educação Anti-Racista: Caminhos Abertos pela Lei Federal 10.639/03**. Brasília: MEC-Secad, 2005.

SLENES, Robert. **Na Senzala, uma Flor. Esperanças e Recordações na Formação da Família Escrava — Brasil, Sudeste, Século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A Capoeira Escrava**. Campinas: Ed. Unicamp, 2002.

SOARES, Mariza de Carvalho. **Devotos da Cor: Identidade Étnica, Religiosidade e Escravidão no Rio de Janeiro, Século XVIII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis Negros no Brasil Escravista. História da Festa de Coroação do Rei Congo**. Belo Horizonte: Humanitas, 2002.

SILVA, Alberto da Costa e. **A Enxada e a Lança. A África Antes dos Portugueses**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. 2ª ed.

SILVA, Alberto da Costa e. **A Manilha e o Libambo. A África e a Escravidão, de 1500 a 1700**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

SILVA, Alberto da Costa e. **Um Rio Chamado Atlântico. A África no Brasil e o Brasil na África**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira/Ed. UFRJ, 2003.

SLENNES, Robert. **Malungo, Ngoma vem! África coberta e descoberta no Brasil**. São Paulo: Revista da USP, n.12, dez/jan/fev,1991/1992, pp. 48-67.

SLENNES, Robert. **Na Senzala, uma Flor. Esperanças e Recordações na Formação da Família Escrava**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

THORNTON, J. **A África e os Africanos na Formação do Mundo Atlântico**. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2004.

VERGER, Pierre. **Fluxo e Refluxo do Tráfico de Escravos entre o Golfo de Benin e a Baía de Todos os Santos dos Séculos XVIII a XIX**. São Paulo, Corrupio, 1987. (1ª edição em francês: 1968)

VERGER, Pierre. **Os Libertos. Sete Caminhos na Liberdade de Escravos da Bahia no Século XIX**. Salvador, Corrupio, 1992.

WEFFORT, Madalena Freire. **Observação, Registro e Reflexão**. São Paulo, Espaço Pedagógico, 1996.

Agradecimentos

Agradecemos a todos que gentilmente cederam suas imagens e acervos para o programa *Heróis de Todo Mundo*.

Acervo Academia Brasileira de Letras	Funarte
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil	Fundação Benedito Calixto
Acervo da RFFSA	Fundação Franklin Cascaes
Acervo Foto B	Fundação Gregório de Mattos
Acervo Ivan Vignes	Garoux
Acervo Ligth	Gazeta Esportiva
Acervo Marcelo Lordeiro	George Ermakoff
Acervo Mercedes Benz	I.H. Cultural Aeronáutica
Acervo Norberto Ungareti	Instituto de Estudos Brasileiros (USP)
Acervo Roberto Burkhardt	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
Acervo Tomaz Pompeu	Iracy Carise
Acervo Universidade Federal do Rio de Janeiro	Ítalo Andriola
Antônio Pompeo	Januário Garcia
Apremavi	Jornal dos Sports
Arquivo da Cidade	Lamberto
Arquivo da Cidade (RJ)	Marta Passos
Arquivo Nacional	MIS Ceará
Associação Comercial de Santos	Museu Afro-Brasil
Atelier Editorial	Museu da Imagem e do Som (RJ)
Axé Opo Afonjá	Museu Histórico Nacional
Bahiatursa	Museu Imperial de Petrópolis
Biblioteca de Obras Raras da UFRJ	Museu Paulista
Casa de Cabangu	Museu Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Daniel Kfoury	Prefeitura de alcobaça
Editores Ática	Rosa Alice França
Editores Callis	Secretaria Municipal de Cultura (SP)
Editores da UFRN	Selo Negro Edições
Editores Edelbra	Sérgio Benuti
Editores Gryphos	Sérgio Benutti
Editores Vila Rica	Tribuna da Bahia
Elciene Azevedo	Vantoen Pereira Jr.
Emanoel Araújo	

Anotações



Lançar mundos no mundo

Há um trecho da música *Livros*, de Caetano Veloso, que diz: “Porque a frase, o conceito, o enredo, o verso. (E, sem dúvida, sobretudo o verso). É o que pode lançar mundos no mundo.” É esse o objetivo do projeto A Cor da Cultura, lançar mundos no mundo, ou seja, ser uma possibilidade para população lançar seus mundos, mostrar a sua Voz, Cor e Identidade, por meio do reconhecimento e do respeito aos saberes e fazeres da população afro-brasileira.

Existem vários modos de se ver e dizer algo. A Cor da Cultura lhe apresenta agora alguns dos Modos de Ver, Sentir e Interagir com a cultura afro-brasileira.

Secretaria Especial de
Políticas de Promoção da
Igualdade Racial



APOIO:
Ministério
da Educação

www.acordacultura.org.br